



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

BEATRIZ SANTOS DE SOUZA

**DE ESPAÇO DA PRODUÇÃO À COMERCIALIZAÇÃO:
CENTRO FASHION FORTALEZA**

FORTALEZA
2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

BEATRIZ SANTOS DE SOUZA

**DE ESPAÇO DA PRODUÇÃO À COMERCIALIZAÇÃO: CENTRO FASHION
FORTALEZA**

FORTALEZA

2019

BEATRIZ SANTOS DE SOUZA

DE ESPAÇO DA PRODUÇÃO À COMERCIALIZAÇÃO: CENTRO FASHION
FORTALEZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Alexsandra Maria Vieira Muniz

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

S713e Souza, Beatriz Santos de.
De espaço da produção à comercialização: Centro Fashion Fortaleza / Beatriz Santos de Souza. – 2019.
80 f.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Alexandra Maria Vieira Muniz.

1. Centro Fashion. 2. Indústria Têxtil. 3. Comércio de Confecção. I. Título.

CDD 910

Aos meus pais, Elizabeth e Carlos

À minha irmã, Eduarda

À minha avó, Selma

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Professora Dra. Alexsandra Maria Vieira Muniz por me acompanhar desde meu 5º semestre e acreditar em meu potencial nesta jornada que foi a elaboração deste trabalho. Suas considerações e conhecimentos foram de suma importância para a concretização dessa etapa da minha vida acadêmica que está apenas começando.

Quero agradecer os professores Alexandre Queiroz Pereira e Maria Clélia Lustosa Costa por compor a minha banca e auxiliar no aperfeiçoamento deste trabalho.

Agradeço aos meus pais Elizabeth e Carlos por todo o suporte durante toda a minha graduação, por terem me apoiado e por servirem de exemplo de vida para mim. Se hoje estou concluindo este curso, devo agradecer principalmente a eles por serem o meu porto seguro.

Agradeço a minha vó, minha segunda mãe, pelo amor e carinho dado a mim durante minha caminhada acadêmica.

Agradeço às minhas tias Ana e Paula, à minha irmã Eduarda e às minhas madrinhas Socorro e Fátima por todo o apoio dado durante a minha graduação.

Sou grata a Dona Regina, ex funcionária da Fábrica de Tecidos São José, pela disponibilidade em dialogar comigo e enriquecer minha pesquisa com informações tão valiosas, agradeço também ao permissionário do Centro Fashion Fortaleza Paulo que em uma rápida conversa foi de grande ajuda para a conclusão deste trabalho.

Entre meus círculos de amizade, quero deixar meus agradecimentos a todos os meus amigos que compõem o grupo PET Geografia UFC por todos os momentos lúdicos e memoráveis que me proporcionaram durante meus dias turbulentos. Quero agradecer aos meus tutores, Jader de Oliveira Santos e Alexandre Queiroz Pereira pelas dicas que agregaram a minha formação acadêmica.

Quero agradecer ao professor Tiago Vieira Cavalcante pelos diálogos breves, mas tão ricos que me fizeram deleitar de outras geografias para que enfim pudesse descobrir a minha Geografia.

Agradeço a minha turma, *Monolitops Amarelos* pela parceria durante a graduação. Desejo em especial agradecer à Guaracy, Eliomara e Cleiciane, amigos que a graduação me apresentou e que me deram suporte nos momentos em que imaginei não concluir este trabalho. Eu os levarei comigo daqui por diante.

“A arte do fiar e tecer teve caprichosa e interessante evolução, sendo um dos mais bem-sucedidos e engenhosos desempenhos do homem.”

(LEITÃO, 2012. p. 35)

RESUMO

Fortaleza ganhou destaque na economia cearense e passou por crescente urbanização impulsionada pela produção e beneficiamento do algodão ao final do século XIX. Atualmente, tem como um dos principais segmentos econômicos o comércio, sendo o de confecções o mais presente. O presente trabalho busca apresentar o Centro Fashion Fortaleza no atual contexto do comércio de confecções da capital cearense. Baseado no método dialético, a pesquisa perpassou por uma revisão bibliográfica, pesquisa documental, visitas de campo, entrevistas e como forma de organizar os dados obtidos, a tabulações e elaboração de mapas. Pertencente à família Philomeno, o Centro Fashion Fortaleza iniciou seu funcionamento atraindo um elevado público popular do varejo como também do atacado. Os permissionários atuantes, em sua grande maioria, vieram da Feira da José Avelino que mesmo após a inauguração do empreendimento ainda é presente no centro da capital. Com dois anos de funcionamento e apresentando uma estrutura que vai além do espaço da comercialização, mas também de hospedagem e especulação imobiliária, o Centro Fashion Fortaleza traz impactos econômicos e socioespaciais no urbano da capital cearense que foi possível ser evidenciado através deste estudo.

Palavras-chave: Centro Fashion. Indústria Têxtil. Comércio de Confecção.

ABSTRACT

Fortaleza gained prominence in Ceará economy and went through increasing urbanization driven by cotton production and processing at the end of the XIX century. Currently, it has as one of the main economic segments trade, being the most present of confection. This paper presents the Centro Fashion Fortaleza in the current context of confection trade in the capital of Ceará. Based on the dialectical method, the research went through a literature review, documentary research, field trips, interviews and as a way of organizing the data obtained, tabulations and map making. Belonging to the Philomeno family, the Centro Fashion Fortaleza started operating by attracting a high popular retail audience as well as wholesale. The acting permit holders, where most, came from José Avelino Fair that even after the inauguration of the enterprise it is still present in the center of the capital. With two years of operation and presenting a structure that goes beyond the space of commercialization, but also hosting and real estate speculation, Centro Fashion Fortaleza brings economic impacts and socio-spatial issues in the urban capital of Ceará that was possible to be evidenced through this study.

Keywords: Centro Fashion. Textile Industry. Confection Trade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Lord Hotel em 2019	36
Figura 2 – Lord Hotel na década de 1950	36
Figura 3 – Infográfico do perfil socioeconômico dos feirantes da José Avelino	44
Figura 4 – Fachada Centro Fashion	51
Figura 5 – Fachada Fábrica São José	51
Figura 6 – Setores do Centro Fashion	53
Figura 7 – Galeria Avenida Domingos Olímpio – Setor Branco	54
Figura 8 – Galeria Rua General Sampaio – Setor Roxo	54
Figura 9 – Identificação da Galeria L Rua Dom Pedro I – Setor Verde	55
Figura10 – Fluxo de clientes no setor branco	58
Figura11 – Fluxo de clientes no setor azul	58
Figura12 – Infraestrutura do Centro Fashion	59

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	– Bairros com maior número de residências de feirantes	45
Mapa 2	– Localização do Centro Fashion	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise geral do Centro Fashion	60
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Indústrias fundadas na 1ª geração – Os Pioneiros (1882-1900)	25
Tabela 2 – As indústrias fundadas na 2ª geração – Os Empreendedores (1900-1960) ...	26
Tabela 3 – As indústrias fundadas na 3ª geração – Os Modernos em 1960	28
Tabela 4 – As indústrias fundadas na 3ª geração – Os Modernos em 1970	29
Tabela 5 – As indústrias fundadas na 4ª geração – Os Empresários em 1980	30
Tabela 6 – As indústrias da 4ª geração – Os Empresários em 1980	31
Tabela 7 – As indústrias fundadas na 4ª geração – Os Empresários em 1990 a 2002	32
Tabela 8 – Gastos para comercializar na Feira da José Avelino	48
Tabela 9 – Gastos para comercializar em galpões	48
Tabela 10 – Gastos iniciais	49
Tabela 11 – Gastos por feira	49
Tabela 12 – Primeiro horário de funcionamento do Centro Fashion em 2017	56
Tabela 13 – Segundo horário de funcionamento do Centro Fashion em 2017	56
Tabela 14 – Terceiro horário de funcionamento do Centro Fashion em 2018	56
Tabela 15 – Horário de funcionamento do 2º Bazar Centro Fashion Fortaleza, 2019	57
Tabela 16 – Horário atual de funcionamento do Centro Fashion – 2019	57

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ABORDAGEM GERAL SOBRE URBANO, CIDADE E INDÚSTRIA	18
2.1	Dos pioneiros aos modernos: o Ceará no processo de industrialização têxtil	25
3	A TRAJETÓRIA INDUSTRIAL DE PEDRO PHILOMENO	34
3.1	Fábrica de Tecidos São José e a Vila Operária São José	37
4	DE FÁBRICA À EMPREENHIMENTO DE COMÉRCIO POPULAR DE CONFECÇÃO: A FEIRA DA JOSÉ AVELINO COMO PONTO DE PARTIDA	42
4.1	A infraestrutura do Centro Fashion	51
5	CONCLUSÃO	62
	REFERÊNCIAS	64
	APÊNDICE	71

1 INTRODUÇÃO

Fortaleza é o município com maior centralidade entre os demais da Região Metropolitana de Fortaleza - RMF (Aquiraz, Chorozinho, Cascavel, Caucaia, Eusébio, Guaiúba, Horizonte, Itaitinga, Maranguape, Maracanaú, Pacatuba, Pacajus, Pindoretama e São Gonçalo do Amarante), com uma população de cerca de 2.627.482 habitantes segundo dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE (2017), possuindo diversos pontos de realização do comércio de confecções em seu território como o Beco da Poeira, Feira da Avenida José Avelino o Esqueleto da Moda, a feira da Praça do Teatro José de Alencar. Entre esses diferentes locais de comercialização de confecções, temos o Centro Fashion no bairro Jacarecanga.

Como ponto de partida para que se entenda a influência de Fortaleza no ramo têxtil, deve-se compreender como se deu o desenvolvimento da indústria têxtil no Ceará. Segundo Aragão (2002), o desenvolvimento da indústria têxtil cearense perpassa 4 fases: os Pioneiros (1882-1900); os Empreendedores (1900 – 1960); os Modernos (1960 – 1980) e o Empresários, fase esta que teve seu início em 1980 e ainda está em curso.

Instalada na fase dos Empreendedores (1900-1960), a São José teve seu momento de auge com produções e a construção de uma vila operária, até que em 1983, no período conhecido como década perdida devido à crise econômica que afetou o país, finalizou suas atividades. Sem uso, a estrutura ficou abandonada, se transformando em espaço de marginalização. Até que em 2017 tem-se a inauguração do Centro Fashion.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo principal analisar o papel do Centro Fashion Fortaleza no atual contexto do comércio de confecção em Fortaleza. Sendo os seguintes objetivos específicos:

- Analisar o contexto em que se deu a instalação, funcionamento e falência da Fábrica São José, o antigo espaço da produção onde atualmente se situa o atual Centro Fashion.
- Retratar a estrutura física e logística de funcionamento do Centro Fashion.
- Identificar os agentes produtores envolvidos na construção e desenvolvimento do comércio confeccionista do fixo espacial-Centro Fashion.

- Investigar as interações entre o setor de serviços (comércio de confecção), os espaços da produção (fábricas) e os agentes envolvidos (sacoleiras, comerciantes, empregados e consumidores).

Considerando os diferentes contextos em que ocorre os espaços da produção (antiga fábrica São José) e comercialização da confecção (centro Fashion) a seguinte pergunta norteadora foi elaborada: Como se dá o funcionamento do Centro Fashion diante do cenário atual do comércio de confecção em Fortaleza?

Se tratando em método científico, tomamos como base Lakatos (2003). Baseando-se em Lakatos (2003) acerca do método científico, a escolha deste foi simples tendo em vista que

[...] para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está “acabada”, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro. (LAKATOS, 2003:101)

Em relação as etapas metodológicas, Gil (2008) foi de suma importância. Assim, o desenvolvimento da pesquisa que resultou neste trabalho, é de natureza exploratória como o próprio autor define, as pesquisas exploratórias “[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.” (GIL, 2008:27).

O processo metodológico tomou como base os procedimentos de coleta de dados propostos por Gil (2008): de início uma revisão bibliográfica de matérias já tratados analiticamente como artigos, dissertações, teses e livros. No que se refere à industrialização geral e têxtil no Ceará – Aragão (2002), Amora (2007), Lima (2014), Muniz (2014, 2015, 2016), Nobre (1989) e Sposito (1989); sobre o comércio de confecção – Leitão (2012), Silva (2013), Muniz (2014), Braga, Abreu e Oliveira (2015), Santos (2015), Santos e Silva (2015), Franco et. al. (2015), Sousa (2016), Freitas (2017), Santos (2017), Franco e Muniz (2018), Silva (2018); sobre a urbanização do Ceará e de Fortaleza – Silva (2007), Souza (2007), Costa (2007, 2008), Dantas (2012); em relação a Fábrica São José e a família Philomeno Gomes – Andrade (1991), Aragão (2002) e Viana (2008) por fim, se tratando de urbano e cidade – Lefebvre (2001) e Araújo (2012). Além disso, foi realizada pesquisa de dados documentais, materiais que ainda não receberam um tratamento analítico. Os documentos, em sua grande parte, serão de primeira mão (documentos oficiais, reportagens de jornais e revistas). Tal levantamento será de grande importância quando formos tratar do período em que a Fábrica São José permaneceu fechada até a construção do Centro Fashion.

Para que houvesse uma melhor aproximação com o objeto de estudo foi

necessário a realização de um estudo de campo a partir do uso da observação simples, sem interferência nos acontecimentos fazendo o uso da interpretação e análise. Para um melhor registro, foram usados os seguintes itens de análise sugeridos por Gil (2008) e adaptados de acordo com a temática da pesquisa: *Os sujeitos* (quem e como são os participantes?) *O território* (Onde as pessoas estão situadas? Quais as características do local de estudo?) *E as Interações Sócio espaciais* (Como se relacionam?). Acredita-se que tomando como base tais itens, a observação em campo tornou-se mais objetiva e precisa.

Ainda no estudo de campo, foram utilizadas entrevistas que basicamente “[..] é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. ” (GIL, 2008:109). Entre os tipos de entrevistas sugeridos pelo autor, a do tipo semiestruturada que mais se adequou aos propósitos da pesquisa em questão. Apesar de não ser uma entrevista não tão complexa, exige que seja focada em um determinado tema. Entretanto, o entrevistado tem a total liberdade de fala, mas sempre com a cautela de não deixar a pessoa entrevistada sair do foco. Para isso, serão definidos tópicos de interesse de modo a nortear o diálogo.

Ao todo foram realizadas 3 vistas de campo ao Centro Fashion, sendo 2 apenas de observação dos critérios de análise ditos anteriormente e o terceiro contou com uma breve entrevista com permissionários. Para uma melhor apreensão do período de funcionamento da Fábrica São José, foi realizada uma entrevista semiestruturada (apêndice A e B) com uma ex funcionária da fábrica, o que enriqueceu o trabalho no que diz respeito a informações internas da São José.

Para uma melhor organização de dados no decorrer do trabalho, foi necessária a realização de tabulações. Para uma melhor espacialização, foram elaborados mapas baseados em informações coletadas durante a pesquisa, além de infográficos que de maneira objetiva apresentam diferentes informações sobre a Feira da José Avelino e do Centro Fashion.

Para uma melhor apreensão da temática abordada, além desta introdução e a conclusão, o presente trabalho foi dividido em outros 3 capítulos: o capítulo 2 intitulado “Abordagem geral sobre urbano, cidade e indústria” que de início pretende explicar brevemente a influência da industrialização na construção da cidade e no modo de vida urbano com uma abordagem geral do processo de industrialização e urbanização do Ceará e de Fortaleza, este capítulo possui outra parte a 2.1 intitulada “Dos pioneiros aos novos empresários: o Ceará no processo de industrialização têxtil” a qual pretende do modo panorâmico, apresentar as fases da indústria têxtil no Ceará e as modificações resultantes dos diferentes períodos a serem apresentados. O capítulo 3 “A trajetória industrial de Pedro

Philomeno” pretende apresentar a história da família Philomeno Gomes nos diversos ramos econômicos os quais a família atuou e ainda atua, tal seção se divide em outra parte intitulada “Fábrica de Tecidos São José e a Vila Operária São José” irá apresentar a fábrica desde sua fundação até sua falência, além de mostrar o processo de construção da vila operária. Por fim, no capítulo 4 intitulado “De fábrica à empreendimento de comércio popular de confecção: a feira da José Avelino como ponto de partida” tem-se o objetivo de expor toda a trajetória do surgimento do Centro como também a apresentação do período de construção do Centro Fashion e todo o conflito entre Prefeitura Municipal de Fortaleza – PMF e os feirantes da José Avelino o capítulo ainda possui uma outra parte intitulada “A infraestrutura do Centro Fashion” que fará toda a explanação de como se divide o local além de sua administração e logística de funcionamento.

2 ABORDAGEM GERAL SOBRE URBANO, CIDADE E INDÚSTRIA

Antes de se abordar os períodos de industrialização têxtil no Ceará, tem-se a necessidade de compreender a influência do comércio e da industrialização no processo de construção da cidade e modificação do urbano.

Araújo (2012), baseado em leituras de Lefebvre expõe que o urbano é um “[...] fenômeno que se impõe em escala mundial a partir de um duplo processo de implosão-explosão da cidade atual. ” (ARAÚJO, 2012:134) enquanto a cidade viria de um processo histórico abarcando trabalhos de cunho espiritual, intelectual e claro uma certa organização militar, político-econômica e cultural. Até chegarmos na atual cidade comercial, industrial e moderna, foram perpassados outros tipos de cidade as quais foram apresentadas por Lefebvre (2001). A oriental caracterizada pelo modo de produção asiática e com cunho político, a arcaica, podendo ser grega ou romana (a polis) que tinha ligação com a posse de escravos, também possuindo um caráter político já apresentando uma divisão social do trabalho e a cidade medieval que estava inserida no contexto feudal mas ia contra as feudalidade da terra, mas com uma diferença das demais, não possuía cunho político.

Com o surgimento do comércio, das trocas de mercadorias, tais cidades foram sendo superadas. A cidade política foi tornando-se instável diante da consolidação da cidade comercial. O resultado de tal consolidação foram as modificações na morfologia das cidades, as pessoas passaram a realizar trocas em meio as praças (locais que adquiram uma certa centralidade para a realização de trocas de mercadorias). Com o tempo a cidade comercial foi adquirindo mais força e estabilidade. “O comércio conduz ao acúmulo de dinheiro e, nesse processo crescente, são criados também os primeiros bancos. ” (ARAÚJO, 2012:135)

A burguesia comercial, devido a consolidação desse novo modelo de troca, via-se diante de um elevado acúmulo de riquezas o que levou ao surgimento de um novo processo na sociedade, a industrialização, definida por Nobre (1989) como

um processo histórico, porque depende de vários fatores, caracterizando-se pela complexidade, conquanto se possa identificar como principais, entre eles, os energéticos, os recursos naturais e às condições sociais, correspondentes ao trabalho ou esforço humano e aos seus substitutos - instrumentos, animais de tiro e tração, motores, máquinas, etc.; matéria-prima perecível, reaproveitável e renovável; capacidade empresarial, organização do mercado e ação governamental, em ligeira síntese. (NOBRE, 1989:29)

Carlos (1997), de maneira breve apresenta as condições necessárias para que se dê início à atividade industrial, sendo elas

a acumulação, nas mãos do capitalista, de uma quantidade de dinheiro (capital em potencial) e de meios de produção; que haja concentração de trabalhadores dispostos

a vender sua força de trabalho; e que exista um mercado consumidor. ” (CARLOS, 1997:23)

Com o desenvolvimento da burguesia comercial e o surgimento das condições apresentadas anteriormente, a industrialização pôde ter seu início.

De início, não foi a cidade e nem sua estrutura social, o espaço predominante da atividade industrial, esta buscava fontes de energia e matérias primas que, em grande parte situavam-se fora da cidade, entretanto, devido a necessidade de uma mão de obra elevada, capital e mercado a indústria passou a se aproximar da cidade. Em resumo, segundo Araújo (2012), primeiro ocorreu a implosão com a negação da indústria mediante a centralidade presente na cidade e depois a explosão gerada pelas rupturas dentro da malha urbana com a inserção da indústria na cidade. É a partir dessa implosão e explosão que se tem a relação industrialização e urbanização.

De acordo com Sposito (1989), sendo a cidade uma forma espacial produzida socialmente, esta muda efetivamente, adquirindo os reflexos e sustentando as transformações causadas pelo processo de industrialização. De fato, “a indústria provoca um impacto sobre o urbano. ” (SPOSITO, 1989:51)

A industrialização é característica da sociedade moderna como diz Lefebvre (2001). Nesse processo podemos distinguir o indutor do induzido onde

o processo de industrialização é indutor e que se pode contar entre os induzidos os problemas relativos ao crescimento e à planificação, as questões referentes à cidade e ao desenvolvimento da realidade urbana, sem omitir a crescente importância dos lazeres e das questões relativas à “cultura (LEFEBVRE, 2001:11).

A industrialização provoca alterações na divisão social e espacial do trabalho causando fortes mudanças no cotidiano do homem que passa a ser regulado pelo ciclo da indústria. (CARLOS, 1997)

A indústria, como um agente modificador do espaço, proporciona à cidade uma certa centralidade proporcionando uma concentração de infraestruturas capazes de subsidiar a permanência da própria indústria na malha urbana. Sendo assim, é possível distinguir o que Lefebvre (2001) chamou de duplo processo ou um único processo apresentando dois aspectos onde a industrialização acarreta a urbanização, o crescimento proporciona um desenvolvimento e a produção econômica influencia na vida social.

Tal atividade concentra-se em certos pontos no espaço. Essa concentração articula e integra vastas áreas devido à necessidade das trocas que comandam o processo de divisão social e espacial do trabalho. (CARLOS, 1997)

Agindo como um ímã na malha urbana “[...] a industrialização não produz apenas empresas (operários e chefes de empresas), mas sim estabelecimentos diversos, centros bancários e financeiros, técnicos e políticos” (LEFEBVRE, 2001:16). A estrutura resultante da industrialização dentro da malha urbana não é atrativa apenas para a sociedade urbanizada, mas também para a rural que, na emergência de emprego migra para os centros urbanos em busca de oportunidade, como resultado é gerado um excedente populacional na cidade que sem meios de sobreviver ao estilo moderno da cidade industrializada deslocam-se para áreas desocupadas, próximas às indústrias em grande parte, criando as chamadas periferias. (SPOSITO, 1989)

A sociedade antes feudal e desarticuladas de modo espacial, subordinada ao campo, transforma-se em uma sociedade urbana, tornando a cidade o núcleo da manufatura que após o advento da indústria passa a dominar o campo integrando regiões agrícolas. (CARLOS, 1997)

A cidade sendo um local de produção a qual abriga o modo de vida urbano, este

[...] fruto da dinâmica do desenvolvimento das forças produtivas que aí se desenvolvem plenamente e mais especificamente da grande aglomeração, onde às condições gerais de produção se encontram mais evoluídas. (CARLOS, 1997:47)

que se encontra em constante mudança não apenas movida pela produção, mas também pelo modo de produzir como também pelas diferentes relações cidade – campo. Sendo um ambiental plural, a cidade serve de estrutura para as diferentes maneiras de viver o urbano.

No que tange ao processo de urbanização no Ceará, Costa (2008) afirma que tal fenômeno teve influência da natureza ou melhor explicando, foi impulsionada pelos longos períodos de seca, o que levava a migração. Os migrantes, fixavam-se na cidade interferindo no modo de vida urbano. Foi no século XX que Fortaleza, foi marcada pela ampliação do comércio e dos serviços além da instalação de indústrias de beneficiamento de produtos primários. Ademais, “Fortaleza teve acentuado crescimento populacional e a malha urbana expandiu-se, com a formação de bairros ao longo das linhas de bonde elétrico ” (COSTA, 2008: 186).

Neste processo, a indústria teve um papel importante que Nobre (1989) divide em dois ciclos: o primeiro marcado pelo gado o qual o autor denominou “civilização do couro e o segundo marcado pelo cultivo do algodão.

O primeiro ciclo, o do gado, teve início no século XVIII com a concessão das sesmarias, no final do século grande parte do Ceará era ocupado pelas sesmarias, sendo os vales do Jaguaribe, Acaraú e Coreaú as primeiras áreas colonizadas. (SOUZA, 2007)

Segundo Souza (2007), devido as longas caminhadas até o local de comercialização, os rebanhos de gado perdiam muito peso causando prejuízos aos cearenses. Sendo assim, o gado passou a ser comercializado abatido e com a carne salgada dando início ao que conhecemos como “as charqueadas”.

Durante o período colonial, Aracati e Icó tiveram destaque no comércio da carne seca e do gado. Possuíam as melhores infraestruturas de todo o Ceará. Foram as fazendas de gado que deram origem as vilas e depois às cidades do Ceará. Até então, Fortaleza permanecia isolada das áreas de produção regional sem um intercâmbio comercial com outros locais na época.

Os caminhos percorridos pelos rebanhos de gado deram origem as estradas que “estruturadas com o propósito econômico, elas surgem e se ampliam de acordo com as necessidades locais, visando vinculação inter-regional.” (SOUZA, 2007:16). Podemos dizer que o ciclo do gado deu início ao processo de urbanização do Ceará.

De acordo com Souza (2007), na segunda metade do século XIX a economia cearense deixava de ser exclusivamente pastoril. Foi então que o comércio algodoeiro, no Ceará “[...] favorecido pela Guerra de Secessão, que prejudicou os produtores e exportadores dos Estados Unidos, registrara o desenvolvimento no início da década de 1861 a 1870 [...]” (NOBRE, 1989:22), o autor caracteriza o surgimento das culturas algodoeiras, cultivadas no sertão e serras próximas de Fortaleza, como o primeiro surto industrial no Ceará.

Além de impulsionar o processo inicial de industrialização, a cultura do algodão acarretou a implantação de um sistema ferroviário, o que mudou a estrutura do sistema urbano do estado no período.

A exportação do algodão impulsionou o desenvolvimento de Fortaleza e seu raio de influência pois, as cidades do interior do Ceará no final do século XIX e início do século XX realizavam apenas a coleta da produção do algodão que era enviado à Fortaleza para ser exportado. Resultado disso, algumas cidades e pequenas indústrias de beneficiamento do insumo foram estabelecidas próximas das áreas de produção. (SOUZA, 2007)

Entre essas indústrias, tivemos em 1882, a instalação da Fábrica de Tecidos Progresso que Nobre (1989), a partir do surgimento desta indústria, definiu tal período como “proto-industrial” tendo em vista ter se constituído como um empreendimento isolado sem a existência de uma política industrial.

A partir da segunda metade do século XIX Aracati perdia sua influência nas relações comerciais de parte do baixo-Jaguaribe e do Sertão Central para Fortaleza. (SOUZA, 2007)

Partindo para uma periodização breve do processo industrial cearense, o período marcado pelo cultivo do algodão que impulsionou o desenvolvimento urbano do Ceará, é caracterizado como a primeira fase da industrialização do Ceará (final do século XX até 1950), marcado

[...] pela implantação das primeiras indústrias, sobretudo têxteis (beneficiamento de algodão, oiticica e mamona), além de couros e peles. O surgimento dessas primeiras indústrias explica-se pela presença da matéria-prima de origem agrícola e pecuária, com destaque para a produção expressiva do algodão no Ceará. (AMORA, 2007: 371)

Outra característica dessa fase era o predomínio do capital local. Em Fortaleza, as indústrias que iam sendo implantadas, iam se concentrando na área que comporta a Avenida Francisco Sá a tornou o primeiro polo industrial do estado. (LIMA, 2014)

Durante 1960 até meados de 1980 tivemos a segunda fase caracterizada pela criação da SUDENE. Essa fase foi pautada em uma reestruturação produtiva baseada na “[...] utilização das virtualidades tecnológicas da automação a fim de remodelar a organização do trabalho, os processos de produção, os sistemas de gestão e qualidade de produtos ou mesmo a norma social de consumo.” (SILVA, 2007:108)

A SUDENE emergiu com a proposta de industrializar o Nordeste modernizando indústrias tradicionais com maquinário obsoleto, o que dificultava a competitividade com o resto do país além de, impulsionar o surgimento de gêneros industriais mais modernos como material elétrico, embalagens e metalurgia. (AMORA, 2007).

A segunda fase foi marcada pela instalação do Distrito Industrial de Maracanaú “[...] que segundo às regras do planejamento econômico vigente à época, contrapõe-se ao Setor Industrial da Francisco Sá, inserido na malha da cidade de Fortaleza em sua porção oeste.” (SILVA, 2007:114)

Iniciando em 1980, ganhando intensidade em 1990 e ainda em curso, temos a terceira fase marcada por um processo de reestruturação a nível mundial. Passamos a presenciar uma descentralização industrial impulsionada pela guerra fiscal. Devido a fragmentação metropolitana atrelada a uma descentralização e desconcentração industrial, os novos investimentos foram direcionados para cidades menores (SILVA, 2007). Nos governos estaduais tem-se o predomínio da elites econômicas e representantes da elite empresarial do Centro Industrial do Ceará – CIC. (AMORA, 2007)

Durante esses três períodos de desenvolvimento industrial, o Ceará e sua capital Fortaleza vivenciaram um crescimento na estrutura urbana. Para que esse desenvolvimento iniciasse

[...] foi fundamental o desenvolvimento da agricultura comercial, assim como a implantação das vias de comunicação: a ferrovia a partir de 1800 e durante toda a primeira metade do século XIX, e às rodovias, sobretudo a partir de 1950. Às vias de comunicação vieram facilitar o contato entre as regiões favorecendo o escoamento da produção agrícola e também intensificar às migrações rural-urbanas. (SOUZA,2007:24)

Durante o século XX o crescimento da cidade de Fortaleza se deu devido

[...] ao progresso da agricultura comercial, em particular do cultivo do algodão no sertão e serras próximas. No período de 1880 a 1926, Fortaleza intensifica também a sua maior ação sobre o interior, com a expansão da rede ferroviária que vai atingindo às mais distantes localidades, tais como às cidades de Baturité, Quixadá, Sobral, Crato, Crateús, entre outras. (SOUZA, 2007:29)

Sendo a modernização do sistema de transportes, com

[...] a criação de linhas de navios a vapor, ligando Fortaleza diretamente à capital do país a outras províncias e à Europa; a inauguração da primeira linha de trem (Companhia Cearense da Via Férrea de Baturité, em 1873), agilizando e reduzindo os custos do deslocamento da produção agrícola cearense. (COSTA, 2007:62)

o fator que estendeu o raio de influência de Fortaleza. Ainda segundo a autora, o processo de expansão de Fortaleza é marcado pela construção de instalações públicas e equipamentos urbano.

Com o desenvolvimento do sistema de transporte, os moradores antes concentrados no núcleo central da cidade passaram a habitar em outras localidades originando e fortalecendo diversos bairros de Fortaleza. Sendo assim

As famílias de maior poder aquisitivo começam a se afastar do centro. Na zona oeste da cidade, surge o bairro de Jacarecanga, próximo do riacho do mesmo nome, onde se aglutinam sobrados representantes das elites comercial e agrária. (COSTA, 2007:67)

Os operários que trabalhavam no polo industrial na Avenida Francisco Sá passaram a morar em áreas do entorno das fábricas dando origem as favelas. Devido ao acúmulo da poluição e pela proximidade das favelas, a sociedade de maior poder aquisitivo que habitava o Jacarecanga deslocou-se para outros bairros residenciais na zona leste – Aldeota, Praia de Iracema e Meireles (COSTA, 2007).

Nos anos 50, a instalação do Porto do Mucuripe acarretou a estagnação do comércio na parte central de Fortaleza e os armazéns e depósitos foram para novas docas (COSTA, 2007). Além disso, na década referida, a cidade de Fortaleza vivenciava um elevado crescimento de sua população na zona urbana, evidenciado pelo aumento da pobreza que se juntou com falta de moradia e a precariedade de serviços básicos (SOUZA, 2007).

Indo aos anos 80, tem-se uma forte migração campo-cidade. Devidos aos elevados preços dos imóveis e o desemprego os vazios urbanos e periferias são preenchidos pelas favelas.

Fortaleza, antes monocêntrica devido ao fluxo de consumidores e transeuntes na parte central, passa a se tornar policêntrica a partir da “[...] consolidação de uma infraestrutura de comércio e serviços nos bairros chamados nobres, principalmente, através da construção de centros de compras acessíveis aos possuidores de carro (*os shoppings* são a expressão maior desses centros).” (DANTAS, 2012:61)

A saída da classe média alta do núcleo central de Fortaleza e a expansão do comércio em outros bairros como Aldeota e Montese transforma o Centro como *locus* de consumo para a população de menor poder aquisitivo, principalmente com o surgimento de pedintes e os camelôs (DANTAS, 2012). Hoje podemos dizer que o Centro de Fortaleza é o ponto central de um comércio acessível e com baixos valores de consumo.

O processo histórico do Ceará e de sua capital Fortaleza teve forte influência do binômio gado/algodão (SILVA, 2007). Esses dois processos de produção foram responsáveis pelo desenvolvimento urbano, sendo o algodão, o produto que trouxe Fortaleza para local de destaque na economia do estado alavancando o crescimento da cidade.

Antes focada no beneficiamento e exportação do algodão, Fortaleza com o passar do tempo foi adquirindo destaque no comércio com melhor infraestrutura e mudanças no perfil consumidor em seu núcleo central. Além disso, o advento dos camelôs, por seguinte as feiras livres de confecção, como a da José Avelino e a do Teatro José de Alencar, os galpões do centro como o Beco da Poeira e o Esqueleto da Moda, deram impulso para que Fortaleza atualmente seja conhecida como um polo do comércio de confecção.

2.1. Dos pioneiros aos novos empresários: o Ceará no processo de industrialização têxtil

Como dito anteriormente, a industrialização torna a sociedade moderna além de acarretar um processo de urbanização na cidade. No Ceará houve um ramo industrial decisivo para o desenvolvimento do estado, o têxtil.

Muniz (2014) define muito bem a indústria têxtil como sendo “[...] constituída por quatro segmentos industriais autônomos, porém, estão inter-relacionados, já que o produto final de cada uma dessas fases é a matéria-prima da fase seguinte [...]” (MUNIZ, 2014:35), sendo os seguintes seguimentos: fiação, tecelagem, acabamento e a confecção. Possuindo um processo de produção diverso, algumas indústrias podem possuir alguns dos seguimentos e outras podem possuir todos. E foi com a produção de algodão no Ceará que se desenvolveu o processo de industrialização, produção essa impulsionada pela Guerra de Secessão ocorrida nos Estados Unidos no período de 1862 a 1866 afetando as produções de algodão do país e dando espaço e oportunidade para o Ceará que passou a ter papel de destaque na divisão internacional do trabalho.

Sendo assim, a indústria têxtil no contexto cearense perpassa 4 fases que segundo Aragão (2002) se dividem em: os Pioneiros – 1882 a 1900; os Empreendedores – 1900 a 1960; os Modernos – 1960 a 1980 e os Novos Empresários que teve seu início em 1980 e ainda está em curso.

De 1882 a 1900 tivemos a primeira fase denominada por Aragão (2002) de “os pioneiros”. O nome foi dado a este período pois, “[...] são pioneiros os que tiveram a coragem de ingressar no ramo têxtil não explorado na economia cearense” (ARAGÃO, 2002:65). Parte dos que se aventuraram no ramo tinham renome na sociedade cearense. De acordo com Muniz (2016), as primeiras indústrias neste período foram fundadas com o capital dos próprios investidores, sendo excedentes do comércio e sem proteção do Estado. A tabela 1 apresenta as empresas fundadas nessa primeira fase.

Tabela 1. Indústrias fundadas na 1ª Geração – Os Pioneiros (1882 – 1900)

FÁBRICA	FUNDADA EM:	NATUREZA JURÍDICA
FÁBRICA PROGRESSO	1882	Responsabilidade Solidária
CIA FABRIL DE TECIDOS UNIÃO COMERCIAL	1891	Sociedade Anônima
CIA FABRIL CEARENSE DE MEIAS	1891	Sociedade Anônima
FÁBRICA SANTA THEREZA	1893	Sociedade Anônima

FÁBRICA CEARÁ INDUSTRIAL	1894	Não se tem registro
FÁBRICAL SOBRAL	1895	Sócios Comanditários e Solidários

Fonte: Aragão, 2002. Adaptado por Souza (2019)

Das 6 primeiras indústrias fundadas apenas duas estavam fora de Fortaleza, a Santa Thereza em Aracati e a Fábrica de Tecidos Sobral que foi instalada na própria cidade de Sobral.

Iniciada em 1900 e seguindo até 1960 temos a segunda fase “os empreendedores”. Nesta fase os investidores, segundo Aragão (2002), mostravam uma certa agressividade e iniciativa sempre em busca de oportunidades e com muita criatividade na administração. É neste período que a Fábrica de Tecidos São José foi fundada. Foram instaladas 9 novas fábricas (8 em Fortaleza e 1 em Maranguape) além das 4, Progresso, Santa Thereza, Ceará Industrial e Sobral, que ainda permaneceram da primeira fase como pode ser visto na tabela 2.

Tabela 2. As Indústrias fundadas na 2ª Geração – Os Empreendedores (1900 – 1960)

FÁBRICA	FUNDADA EM:	NATUREZA JURÍDICA
PROGRESSO	1882	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
SANTA THEREZA	1893	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
CEARÁ INDUSTRIAL	1894	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
SOBRAL	1895	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
SANTA ELISA	1904	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
USINA CEARÁ	1916	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
FIAÇÃO SANTA MARIA	1918	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
MARANGUAPE	1924	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
SÃO JOSÉ	1926	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
SÃO LUÍS	1928	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
BATURITÉ	1927	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SANTO ANTÔNIO	1929	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
SANTA CECÍLIA	1945	SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Fonte: Aragão, 2002. Adaptado por Souza (2019)

Um fator marcante na época foram as construções de vilas operárias para a mão de obra das indústrias (Baturité, Santa Thereza, Santa Cecília, São José, Sobral, Progresso e as do Grupo A. D. Siqueira) ocasionando uma influência na dinâmica urbana. As vilas foram se transformando e passaram a acompanhar o processo de expansão da cidade.

Os anos de 1950, no governo de Juscelino Kubitschek com o Plano de Metas, foram decisivos para o ramo têxtil cearense. Diante da deficiência na energia elétrica, algumas empresas que tinham um melhor capital passaram a ter seus próprios geradores, como foi o caso da São José que gerou tanta energia passando a ser vendida para Fortaleza. Além disso, o Plano de Metas levava benefícios apenas para o Centro-Sul do Brasil e o Nordeste sem um parque industrial moderno enfrentou dificuldades para se inserir no mercado nacional e internacional. Somente em 1960 que o Nordeste, com a implantação do Estado Desenvolvimentista, foi ganhando atenção para melhorias em suas forças produtivas.

As indústrias que conseguiram ultrapassar a década de 50 do século XX tiveram que investir na modernização, mudando o maquinário, além de diversificar a produção, damos ênfase à São José pois, era a única a produzir tecidos, fios, redes e toalhas.

A terceira fase, “os modernos”, deu-se de 1960 a 1980. O principal objetivo desta fase, segundo Muniz (2016) era o de modernizar as indústrias substituindo o maquinário com mais de 30 anos de uso para o reequipamento a partir do Programa de Reequipamento da Indústria Têxtil presente no I Plano Diretor da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). No Ceará 8 empresas foram incluídas neste programa: Progresso, Santa Cecília, Santa Thereza, Cia. Gasparian do Norte, Santa Elisa, Baturité, Santa Maria e Sobral.

Os incentivos fiscais constituíam os vetores de maior relevância no surgimento de novas empresas. Devidos os incentivos da SUDENE, em 1965 novas indústrias foram fundadas. Entre 1963 e 1969, o Ceará teve 8 projetos de instalação de novas empresas aprovados além da instalação de novas 10 empresas (tabela 3). Vale ressaltar a permanência de 3 indústrias da 1ª fase, Progresso, Santa Tereza e Sobral e 3 da 2ª fase, Maranguape, São José e Santa Cecília.

Tabela 3. As indústrias fundadas na 3ª Geração – Os Modernos em 1960

FÁBRICA	FUNDADA EM:	LOCAL
PROGRESSO	1882	Fortaleza
SANTA TEREZA	1883	Aracati
SOBRAL	1895	Sobral
MARANGUAPE	1924	Fortaleza
SÃO JOSÉ	1926	Fortaleza
SANTA CECÍLIA	1945	Fortaleza
GASPARIAN/CIA. CEARÁ TÊXTIL	1961/1966	Fortaleza
ALGODÕES FINOS DE QUIXADÁ/ FIAÇÃO JANGADEIRO	1964/1969	Fortaleza
INDUCHENIL	1966	Maranguape
CHENOSA (CHENILLE DO NORDESTE S/A)	1967	Maranguape
INDÚSTRIAS DE MEIAS FINAS S/A	1967	Fortaleza
LINHAS SERIDÓ S/A	1967	Fortaleza
SANTA INÊS (POLITÊXTIL)	1967	Fortaleza
PASSAMANARIA DO NORDESTE	1968	Fortaleza
SANTA LÚCIA	1969	Fortaleza
INDÚSTRIA TÊXTIL ARMANDO PINTO S/A	1970	Fortaleza

Fonte: Aragão, 2002. Adaptado por Souza (2019)

Aragão (2002) ainda aponta que, o primeiro governo de Virgílio Távora (1962-1966) facilitou esse processo de modernização das indústrias no Ceará, com a melhoria da infraestrutura a partir da construção de estradas para o fácil escoamento da produção além de, em seu governo ter ocorrido a chegada da energia elétrica de Paulo Afonso.

Em 1970 tem-se a nova fase dos incentivos fiscais com o Fundo de Investimentos para o Nordeste. Aragão (2002) apresenta que as empresas que fossem beneficiadas deveriam virar Sociedade Anônima (S/A) com cotação na bolsa de valores e as formas de gestão tinham que ser modificadas. Outro objetivo da época foi a instalação de filiais do Centro-Sul no Nordeste, fazendo com que as empresas locais competissem com um maior capital e uma gerência científica. A nível de exemplo de instalação de filiais, tem-se a do Grupo Vicunha, dos empresários Jacks Rabinovich e Mendel Steinbruch em 1973.

Aragão (2002) mostra que os membros que fizeram parte dessa terceira fase eram bem diversificados: alguns tinham envolvimento familiar com o algodão, tinha os iniciantes a empresários do ramo têxtil influenciados pelos incentivos fiscais, os formados pela tradição do bordado em Maranguape e o grupo Master Tecidos Plásticos. A década de 70 consolidou uma nova geração têxtil criada em meio a incentivos fiscais o que revitalizou o setor. Ainda persistem nesta geração as indústrias Progresso e Sobral, oriundas da 1ª fase e as indústrias Maranguape e São José da 2ª. No que diz respeito às novas indústrias, tivemos a instalação da Master, Finobrasa, Unitêxtil, Pemalex e Tapetelene. (Tabela 4).

Tabela 4. As indústrias fundadas na 3ª Geração – Os Modernos em 1970

FÁBRICA	FUNDADA EM:	LOCAL
PROGRESSO	1882	Fortaleza
SOBRAL	1895	Sobral
MARANGUAPE	1924	Maranguape
SÃO JOSÉ	1926	Fortaleza
FIAÇÃO TÊXTIL	1964	Fortaleza
CIA. CEARÁ TÊXTIL	1966	Fortaleza
CHENOSA	1967	Maranguape
PASSAMANARIA DO NORDESTE	1968	Fortaleza
MASTER	1971	Fortaleza
FINOBRASA	1973	Fortaleza
UNITÊXTIL	1973	Fortaleza
PEMALEX	1974	Fortaleza
TAPETELENE	1975	Maranguape

Fonte: Aragão,2002. Adaptado por Souza (2019)

Eis que em 1980, no contexto de uma crise econômica nacional, tem-se o surgimento da quarta e atual fase intitulada por Aragão (2002) de “os novos empresários”.

Muniz (2016) apresenta alguns dos problemas enfrentados pela indústria têxtil no período como a escassez do algodão devido à praga do bicudo (*Anthonomus grandis*) iniciada no final da década de 70, a resistência de indústrias antigas à modernização de maquinário causando a falência de muitas delas pelo fato de não conseguirem competir com as demais.

Apesar disso, no segundo governo de Virgílio Távora, o Estado passou a arcar com parte dos incentivos assegurados pela SUDENE o que permitiu a instalação de novas indústrias. Em 1979, o governo aprovou a criação do III Polo de Desenvolvimento Industrial do Nordeste que foi incorporado no II Plano de Metas Governamentais – PLAMEG, com o intuito de fornecer melhor infraestrutura e tecnologia.

De maneira breve a década de 1980 foi marcada por “[...] períodos de crescimento intercalados a outros de estabilidade ou retração. Somente a partir do segundo semestre de 1984, o setor têxtil apresentou sinais de recuperação ” (MUNIZ, 2016:431). Observando a tabela 5 é possível visualizar as indústrias, Santana Têxtil, TBM, Pompeu Têxtil, Têxtil Baquit, Têxtil União, Vicunha Nordeste, Juozas, TBM Unidade II e Cotece, que foram instaladas durante o período de 1980 além destas, ainda permaneceram a Thomaz Pompeu, Santa Tereza e Sobral da 1ª fase, Maranguape e Sobral da 2ª fase. No caso da São José, apesar da permanência até então, havia dificuldade em relação a concorrência com as demais indústrias como também o maquinário antigo.

Tabela 5. As indústrias fundadas na 4ª Geração – Os Novos Empresários em 1980

FÁBRICA	FUNDADA EM:	LOCAL
THOMAZ POMPEU	1882	Fortaleza
SANTA TEREZA	1893	Aracati
SOBRAL	1895	Sobral
MARANGUAPE	1924	Fortaleza
SÃO JOSÉ	1926	Fortaleza
SANTA CECÍLIA	1945	Fortaleza
JANGADEIRO	1964	Fortaleza
CIA. CEARÁ TÊXTIL	1966	Fortaleza
PASSAMANARIA DO NORDESTE	1968	Fortaleza
SANTA LÚCIA	1969	Fortaleza
MASTER	1971	Fortaleza
FINOBRASA (VICUNHA)	1973	Fortaleza
SANTA INÊS	1973	Fortaleza
PEMALEX	1974	Fortaleza
SANTANA TÊXTIL	1980	Fortaleza

TBM	1980	Fortaleza
POMPEU TÊXTIL	1982	Fortaleza
TÊXTIL BAQUIT	1982	Fortaleza
TÊXTIL UNIÃO	1982	Maracanaú
VICUNHA NORDESTE	1984	Maracanaú
JUOZAS (CIA. BRASILEIRA DE MODA)	1986	Maracanaú
TBM UNIDADE II	1986	Fortaleza
COTECE	1989	Maracanaú

Fonte: Aragão, 2002. Adaptado por Souza (2019)

Durante os anos de 1990, em decorrência de obstáculos conjunturais, e, naturais, como a praga do bicudo, a cultura do algodão foi fortemente afetada no Ceará levando a praticamente o seu fim. Sendo assim, as empresas tiveram que recorrer a outros fornecedores. Além disso, as empresas que possuíam um melhor preparo se reestruturaram com a redução de seus custos e aperfeiçoaram a competitividade para enfrentar a concorrência fora do país.

No governo de Tasso Jereissati (1987 – 1991) foi adotada uma política própria de incentivos fiscais onde o governo era quem financiava após o esgotamento dos recursos da SUDENE. O Governo das Mudanças teve sua consolidação apenas no governo de Ciro Gomes (1991 – 1995). O Estado passou a intervir nas transformações sociais, econômicas e espaciais cedendo terrenos, pagando água, luz e em alguns casos telefone e para as empresas situadas fora da RMF, era dado a isenção do pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano – IPTU (ARAGÃO, 2002). Os anos 90 proporcionaram novas indústrias com novos perfis. Empresas de fora se instalaram no Ceará e os grandes empreendimentos que passaram a produzir em grande escala visando o mundo globalizado tornaram-se consolidadas no estado.

Tabela 6. As indústrias da 4ª Geração – Os Novos Empresários no final de 1980

FÁBRICA	FUNDADA EM:	LOCAL
THOMAZ POMPEU	1882	Fortaleza
SOBRAL	1895	Sobral
FIAÇÃO TÊXTIL	1964	Fortaleza
CIA. CEARÁ TÊXTIL	1966	Fortaleza
PASSAMANARIA DO NORDESTE	1968	Fortaleza

MASTER	1971	Fortaleza
FINOBRASA (VICUNHA UNIDADE IV)	1973	Fortaleza
UNITÊXTIL	1973	Fortaleza
PEMALEX	1974	Fortaleza
SANTANA TÊXTIL	1980	Fortaleza
TBM	1980	Fortaleza
POMPEU TÊXTIL	1982	Fortaleza
TÊXTIL BAQUIT	1982	Fortaleza
TÊXTIL UNIÃO	1982	Maracanaú
VICUNHA NORDESTE (VICUNHA UNIDADE I)	1984	Maracanaú
JUOZAS (CIA. BRASILEIRA DE MODA)	1986	Maracanaú
TBM UNIDADE II	1986	Fortaleza
COTECE	1989	Maracanaú
FILATI (TBM UNIDADE V)	1989	Maracanaú

Fonte: Aragão, 2002. Adaptado por Souza (2019)

Visualizando a tabela 6, constata-se que apenas 2 indústrias das primeiras gerações ainda funcionavam, Thomaz Pompeu e Sobral. A São José finalizou suas atividades em 1983 devido à alta competitividade e o maquinário obsoleto. Além disso, percebe-se a instalação de indústrias no município de Maracanaú o que podemos correlacionar com a criação do Distrito Industrial de Maracanaú em 1964 no Governo de Virgílio Távora.

Chegando nos anos 2000, Aragão (2002) deixa claro que o novo foco das empresas é a qualidade. As indústrias deveriam investir em aspectos operacionais como também comportamental e motivacional. As empresas de fiação e tecelagem no Ceará passaram a aderir treinamentos pessoais, processos sofisticados e diversificados além do fornecimento de benefícios sociais como cesta básica, transporte, educação, convênios médicos, dentre outros. As empresas foram se modernizando cada vez mais com galpões de forma retangular, um alto nível de limpeza das fábricas e uma melhor refrigeração dos espaços com o objetivo de preservar o maquinário.

Tabela 7. As indústrias fundadas na 4ª Geração – Os Novos Empresários em 1990 a 2002

FÁBRICA	FUNDADA EM:	LOCAL
FILATI (TBM UNIDADE V)	1989	Maracanaú

FIOTEX	1991	Maracanaú
MICREL BENFIO	1991	Maranguape
JAGUATÊXTIL	1992	Jaguaruana
ELIZABETH TÊXTIL (VICUNHA UNDADE V)	1993	Maracanaú
FITESA TÊXTIL	1994	Horizonte
CTN	1997	Maracanaú
MARCOTEX	1997	Maracanaú
TEBASA	1997	Fortaleza
AURORA TÊXTIL	1999	Jaguaruana
COTEFOR	1999	Maracanaú
LERMA DO NORDESTE	1999	Horizonte
SANTA RITA	1999	Jaguaruana
VICUNHA PACAJUS (VICUNHA UNIDADE III)	1999	Pacajus
HACO ETIQUETAS	2000	Eusébio
SERVITÊXTIL (BEATRIZ TÊXTIL)	2000	Maracanaú
TBM UNIDADE III	2002	Maracanaú

Fonte: Aragão, 2002. Adaptado por Souza (2019)

A partir da tabela 7, percebe-se a instalação de 16 novas indústrias sendo elas Fiotex, Micrel Benfio, Jaguatêxtil, Elizabeth Têxtil, Fitesa Têxtil, CTN, Marcotex, Tebasa, Aurora Têxtil, Cotefor, Lerma do Nordeste. Santa Rita, Vicunha Pacajus, Haco Etiquetas, Servi Têxtil e TBM Unidade III. Outro detalhe é o fato de todas se instalarem fora de Fortaleza e indo em direção aos demais municípios da RMF.

Além das mudanças estruturais tivemos mudanças no perfil dos empresários que, segundo Aragão (2002), passaram a ser banqueiros, empreiteiros, lojistas e profissionais liberais que construíram o patrimônio com incentivos da SUDENE e com as políticas governamentais.

A indústria têxtil é de grande representatividade no espaço cearense, não só pelo quanto produz ou o que influencia na economia local, como também nas interações dentro do espaço com as vilas operárias e sua expansão junto ao espaço urbano, as relações sociais entre os operários, além da infraestrutura que elas proporcionaram como escolas, postos médicos, serviços básicos e o próprio comércio.

3 A TRAJETÓRIA INDUSTRIAL DE PEDRO PHILOMENO

Entre os grandes investidores cearenses nas diferentes fases da indústria têxtil tivemos Pedro Philomeno. Sua trajetória no mundo dos negócios teve início no setor de cigarros, além deste, passou pelo ramo de óleos e sabão como também o alimentício até chegar no ramo têxtil onde teve um grande desenvolvimento. Philomeno não se deteve apenas ao setor industrial como também investiu no ramo imobiliário, mais especificamente com o setor de hotelaria, como exemplo temos o Lord Hotel, construído no centro da cidade de Fortaleza em 1956.

A vida empresária de Pedro Philomeno perpassou

[...] um período de 74 anos, que tem início quando Pedro Philomeno se associa ao pai e irmãos na firma Philomeno Gomes & Filhos, proprietária da Fábrica Iracema, e se encerra em 1983, quando o empresário falece (VIANA, 2008:214)

Pedro Philomeno Ferreira Gomes é natural de Sobral e nasceu em 1888. Aos 16 anos foi para o Rio de Janeiro trabalhar em uma camisaria de um dos seus 17 irmãos. Pedro tentou a vida política quando foi vereador da cidade de Fortaleza (1916 – 1920) representando o Partido Republicano Conservador Cearense – PRCC.

A sua trajetória empresarial é iniciada quando passou a trabalhar como sócio de seu pai (Francisco Philomeno Ferreira Gomes) em uma fábrica de cigarros a Philomeno, Markan & Caminha Ltda. que tempos depois passou a ser chamada de Philomeno Gomes & Filhos.

Viana (2008) afirma que por volta de 1922 a fábrica de cigarros instalou uma pequena fábrica no ramo de óleos vegetais e sabão no bairro Jacarecanga. Francisco Philomeno, pai de Pedro Philomeno, falece por volta do final de 1923 e a antiga Philomeno Gomes & Filhos é substituída por Philomeno Gomes & Cia.

Viana (2008) explica que Pedro Philomeno ainda atuará no ramo de fumo, óleo e sabão e em 1924 a firma passa a se associar com as empresas de Joaquim Markan e Caminha, Diogo & Cia. Ltda. fundando a Philomeno, Markan & Caminha Ltda. Foi nesse período que Pedro Philomeno criou o antisséptico Asseptol. Pedro também se tornou sócio da Siqueira Gurgel Gomes & Cia. Ltda., no fim de 1924, mas opta por sair devido a desentendimentos com Antônio Diogo, empresário que também teve Pedro como sócio na Frota Siqueira & Cia. Ltda., em 1926 já visualizando a fundação da Fábrica São José que ocorreu somente dois anos depois em 1928. Quando saiu da sociedade da Siqueira, Gurgel Gomes & Cia. Ltda., Pedro decidiu seguir apenas no ramo de fumos com a Fábrica Iracema.

Entretanto, seu melhor investimento diz respeito à Fábrica de Tecidos São José que se localizava no bairro Jacarecanga tendo suas atividades iniciadas em 1926 e permanecendo atizada até 1983. Empreendimento esse que acarretou a construção de uma vila operária com o mesmo nome da fábrica que até a falência dela abrigou parte dos funcionários atuantes na indústria.

Em 1941, o empresário decidiu dedicar-se apenas a Fábrica São José devido o cenário favorável no ramo. A firma Gomes & Cia. Ltda., também de Pedro Philomeno, “[...] instala a primeira usina termoelétrica privada do Ceará, para suprir de energia elétrica a Fábrica S. José” (VIANA, 2008:216). Tal usina foi tão importante que Pedro Philomeno passou a vender energia para a cidade de Fortaleza.

De acordo com Aragão (2002), em 1943 Pedro Philomeno comprou um terreno em Pacajus chamando-o de Fazenda Guarany. As matas foram utilizadas como lenha para a fábrica, sendo assim, Pedro Philomeno decidiu fazer o reflorestamento da área, onde cada árvore derrubada ele plantaria um cajueiro no lugar. Com um valor inicial de 100 mil pés de caju plantados, Pedro decidiu criar a empresa agroindustrial Caju do Brasil S/A sendo a primeira do gênero no Brasil.

O empresário ainda atuou no ramo de imóveis com a construção da Vila Operária São José, sendo responsável pela expansão urbana de Fortaleza com foco no bairro Jacarecanga. Em 1950 foi pioneiro no ramo de hotelaria de luxo com a construção do Lord Plaza que ficava no Centro da cidade sua antiga estrutura continua no centro bastante deteriorada e o Iracema Plaza Hotel construído na orla de Fortaleza (figura 1).

Fundado em 1956 pela família Philomeno Gomes, O Lord Hotel, na Rua Liberato Barroso no Centro de Fortaleza (figura 2), onde se hospedavam na época, caixeiros, viajantes e visitantes. Consistia em um prédio de 8 andares, com cerca de 120 apartamentos e, por isso, é considerado um exemplar da arquitetura moderna cearense, fruto dos negócios do industrial Pedro Philomeno Gomes, patriarca da família, que em 1947 instalou a primeira companhia de seguros no Ceará, a Ceará Seguros Gerais (NOBRE,2010).

O referido hotel logo entrou na lista dos melhores de Fortaleza, tendo sido arrendado a um casal de suíços até 1959. Hospedou personalidades e artistas ilustres, nas décadas de 1960-1970. Em 1992 é desativado, transformando-se em residência-hotel. Posteriormente torna-se pousada, abriga lojas comerciais e condomínio de apartamentos (NOBRE,2010).

Figura 1 – Lorde Hotel em 2019



Fonte: acervo da autora

Figura 2 – Lord Hotel na década de 1950



Fonte: Fortaleza em fotos, 2014

Desse modo, fez-se necessária uma política de tombamento, realizada pela Prefeitura de Fortaleza em 2006, e preservação do Lord Hotel, no edifício Philomeno Gomes, como forma de ocupação e vivência do Centro de Fortaleza, percebido em diversos tempos históricos, por diferentes usos e sujeitos. Segundo o jornal O Povo, agora em 2019 o atual governador do estado Camilo Santana, cedeu o Lord Hotel para a transferência da Câmara Municipal de Fortaleza. No texto em tramitação na Assembleia Legislativa, foi autorizado um período de pelo menos 25 anos do uso da estrutura.

Pedro foi um dos fundadores do Centro Industrial do Ceará – CIC, assumindo a função de secretário em 1921. Além disso, em 1925 fez parte do conselho consultivo da Comissão Fiscal de Importados do Ceará até o ano de 1928.

O empresário veio a falecer aos 95 anos na cidade de Fortaleza em 1983, ano em que a Fábrica São José parou suas atividades.

De fato, Pedro Philomeno veio de “[...] uma geração que cresceu pelo trabalho, pelo ingresso em várias atividades econômicas, aproveitando intensamente as oportunidades de negócios e condições tecnológicas de seu tempo” (ARAGÃO, 2002:181). O que o fez ir além nos investimentos econômicos de sua época.

3.1 Fábrica de Tecidos São José e a Vila Operária São José

Em 01/06/1929 era inaugurada a Fábrica São José um “[...] amplo edifício próprio, abrangendo uma área de 10.000m², no bairro Jacarecanga, em Fortaleza” (VIANA, 2008:221). Possuía um maquinário moderno oriundo da Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos, tendo uma capacidade de 6.800 fusos com 300 operários.

Em 1930, a fábrica produzia diferentes tipos e marcas de tecidos sendo, segundo Viana (2008), mesclas, brins, atoalho, zefires, riscados e cáquis. Além disso, em entrevista com Regina, ex funcionaria da fábrica, a mesma relembra o que era produzido pela São José

Lá eles produziam rede, produzia tecido... só não lembro se produzia jeans. Só sei que era assim, tinha a tecelagem né, tinha a fiação e os carretéis. A tecelagem era pra fazer o tecido e tinha a fiação que era a rede, que se chamava a rede do Chico Philomeno (informação verbal)¹

Baseado no *Almanaque do Ceará* do ano de 1945, Viana cita que

[...] a Fábrica São José está aparelhada com 9.000 fusos e 300 teares, que produzem, diariamente, 15.000m de tecidos diversos, 33 sacos de fios em novelo e 100kg de trancelim; e, mensalmente, 2.500 dúzias de toalhas felpudas e de 8 a 10.000 redes de tipos diversos (VIANA, 2008:222)

¹ Entrevista concedida por Regina. Entrevista I. [ago.2019]. Entrevistador: Beatriz Santos de Souza. 2019 arquivo .mp3 (36:52 seg).

No que diz respeito à estrutura da fábrica, possuía as seguintes seções

[...] sala de preparação do algodão, onde o trabalhador pode respirar, saudavelmente devido à existência de aspiradores elétricos, que conduzem a poeira para o ambiente externo; sala de cardas; seção de massaroqueiras; seção de tinturaria, composta de máquinas alemãs (Zitani Macchini Fabrif); e seção de alvejamento (Idem)

No período que compreende a 2ª Guerra Mundial, no ano de 1957, a fábrica passou a ser denominada S/A Philomeno, sendo esse um período vantajoso para a empresa empregando cerca de 1.050 operários. Estes bem diversos segundo a ex funcionária, “tinha menino, tinha gente mais velho, tinha gente que tava prestes a se aposentar, mais velho com 60 anos, com 50 anos... era assim. ” (Informação verbal)²

No processo de contratação, a entrevistada explicou que no ato de sua admissão ela apenas levou sua carteira de trabalho e no próprio portão da fábrica teve uma breve conversa sobre suas experiências anteriores. Antes da São José, Regina trabalhou em outras duas fábricas têxteis, a Gasparian e a Santa Cecília.

Sobre a rotina de trabalho, segundo Regina, os funcionários entravam as 6 da manhã e saíam as 5 da tarde. Em relação as refeições, apenas o lanche das 9 da manhã era ofertado pela fábrica enquanto o almoço ficava a cargo dos próprios operários. A fábrica não tinha turno noturno e em alguns sábados a fábrica funcionava até as 3 da tarde.

Quando indagada sobre o tempo que serviu a fábrica a ex funcionária explicou: “eu não passei um ano completo não, lá ninguém completava ano não. Era 7 meses, 8 meses, 9 meses. Eles renovavam o quadro todo tempo. ” (Informação verbal)³

Se tratando de pagamento, Dona Regina deixou claro o total compromisso de Pedro Philomeno quando disse

eu gostava do Pedro Philomeno, trabalhei lá 9 meses, o dinheiro era em dia de sexta-feira, quando dava 2 horas da tarde eles iam fazer o pagamento. Eles deixavam lá na máquina que a gente tava, eles iam fazer o pagamento. Só quando era final de ano, que era no 13º mês que eles iam pagar aí esperavam pra terminar os horários. Aí terminava mais cedo que era pra poder a gente ir receber o 13º mês e assinar tudo, era assim. (informação verbal)⁴

Pedro Philomeno possuía uma boa relação com seus funcionários como afirma a ex funcionária

A gente sabia quem era o Pedro e quem era o Chico. O Chico era o velho, Pedro era o filho. Aí a gente sabia por que eles vinham muito, não tinha negócio de se esconder para não falar com ninguém, dava tchau, vinha perguntar se tava gostando do trabalho.(informação verbal)⁵

² Entrevista concedida por Regina. Entrevista I. [ago.2019]. Entrevistador: Beatriz Santos de Souza. 2019 arquivo .mp3 (36:52 seg).

³ Entrevista concedida por Regina. Entrevista I. [ago.2019]. Entrevistador: Beatriz Santos de Souza. 2019 arquivo .mp3 (36:52 seg).

⁴ Entrevista concedida por Regina. Entrevista I. [ago.2019]. Entrevistador: Beatriz Santos de Souza. 2019 arquivo .mp3 (36:52 seg).

⁵ Entrevista concedida por Regina. Entrevista I. [ago.2019]. Entrevistador: Beatriz Santos de Souza. 2019 arquivo .mp3 (36:52 seg).

Ela relembra o período das festividades de final de ano quando fala “Eu já passei o natal por lá, a gente recebia presente. Era pouca besteira, mas, era gratificante né que a gente tava trabalhando e ele reconhecia o trabalho da gente.” (informação verbal) ⁶

Tais relatos da entrevistada, reforçam a ideia de que Pedro Philomeno estava à frente de sua geração no que diz respeito ao tratamento para com os funcionários.

Com o ótimo excedente de capital, Pedro Philomeno comprou uma usina termoelétrica para a fábrica. A usina ganhou tanta importância para Fortaleza, que o empresário passou a vender energia para a cidade.

Philomeno avançou no momento em que passou a dar assistência de moradia aos operários, com a construção da Vila Operária São José.

Podemos concordar que “[...] as vilas operárias são consequência das condições da indústria têxtil, que geram essa necessidade, e das condições urbanas de Fortaleza” (ANDRADE, 1990:13). Segundo Andrade (1990), foi de 1920 a 1945 o surgimento das vilas operárias, onde a indústria passa a se consolidar e a cidade passa a apresentar uma estrutura espacial mais definida.

Iniciada em 1928, a Vila São José iniciou com seis casas de porte pequeno apenas para os mestres que depois foram demolidas para a expansão da fábrica. A vila estava localizada no bairro Jacarecanga entre a ferrovia e a fábrica. No final dos anos 1940, a vila passa por um processo de expansão.

Antes da chegada da fábrica, o Jacarecanga era o bairro da elite. Só depois vieram as fábricas. Era um ambiente com pouca habitação e foi com a chegada da Vila São José que a produção do espaço urbano passou a se intensificar com a presença cada vez maior da classe operária. Claramente o ato de construir a vila não era apenas para beneficiar o operário como também garantir uma certa mobilização da mão de obra a qualquer momento que a fábrica demandasse.

A medida que a vila ia se expandindo, aumentava-se a zona popular. Toda a classe burguesa que habitava o bairro passou a se deslocar para a porção leste de Fortaleza, para o bairro Aldeota. Com isso a Vila São José a partir de sua expansão, foi ganhando uma melhor infraestrutura como Andrade (1990) aponta como exemplo, a extensão da linha de bonde Fernandes Vieira até a Fábrica São José em 1926. Como resultado da expansão da vila, o espaço compreendido por ela passa a ser um bairro industrial.

⁶ Entrevista concedida por Regina. Entrevista I. [ago.2019]. Entrevistador: Beatriz Santos de Souza. 2019 arquivo .mp3 (36:52 seg).

Resultado dessa expansão urbana, o bairro Jacarecanga foi modificado. De acordo com Andrade (1990), as grandes casas antes habitadas pela classe burguesa, que decorrente do avanço da classe popular, os operários, de Fortaleza ganharam novas funções como repartições públicas, firmas particulares e cortiços.

Para a Fábrica São José, os anos de 1950 foram determinantes para o ramo têxtil devido à concorrência com o Centro-Sul do Brasil. Como meio de desenvolver o processo produtivo no Nordeste, diversas empresas mandaram projetos para a SUDENE para sair da crise. Entretanto, Pedro Philomeno via-se diante de um mercado muito competitivo e a ausência de capital de giro, sendo assim, o empresário decidiu não enviar projetos para a SUDENE com receio dos juros elevados.

A fábrica ainda fazia uso de um maquinário manual como relata Dona Regina

agora as máquinas de fiação só não fiquei lá por que quando eu trabalhava na Santa Cecília, trabalhava nas mazola a diferença da mazola para as americanas é muita! Que a mazola é toda elétrica você é só puxar o fio botar por trás e ele emenda e as americanas você tem que tirar e emendar para poder colocar de novo no local. [...] lá as máquinas de fiação dele era tudo americana, máquina baixinha, mas grande, que tudo era manual bem dizer. (informação verbal)⁷

A partir do relato da entrevistada, nota-se que Pedro Philomeno resistiu a troca de maquinário o que segundo ela afetou na produção da São José

em vez de você tá trabalhando com um tipo de máquina que ajuda num a pessoa ir pra frente a produção vai e baixa. E aqueles que tem a máquina boa, máquina grande, uma máquina que dá mais volume, ela dá uma produção boa. (informação verbal)⁸

Como consequência de todos os fatores aqui citados, no período que compreende a quarta geração da industrialização têxtil cearense, a São José teve que parar suas atividades no ano de 1983 após 50 anos operando. Apesar do fim das atividades decorrente dos problemas de mercado, Aragão (2002) deixa claro que a empresa fechou sem deixar um operário no prejuízo seja em obrigações trabalhistas e previdenciárias, obrigações fiscais, débitos aos fornecedores e prestadores de serviço além dos financiamentos bancários.

Dona Regina, quando foi demitida da São José, foi um exemplo desse compromisso na quitação de dívidas.

No Pedro Philomeno quando eu sai, no dia que eu recebi o aviso, eu trabalhei o aviso, e recebi tudo bem direitinho, tudo organizado. E o fundo de garantia a gente não recebia em banco, a gente recebia era dentro da fábrica. Você recebia a semana e recebia o fundo de garantia tudo ali. (Informação verbal)⁹

⁷ Entrevista concedida por Regina. Entrevista I. [ago.2019]. Entrevistador: Beatriz Santos de Souza. 2019 arquivo .mp3 (36:52 seg).

⁸ Entrevista concedida por Regina. Entrevista I. [ago.2019]. Entrevistador: Beatriz Santos de Souza. 2019 arquivo .mp3 (36:52 seg).

⁹ Entrevista concedida por Regina. Entrevista I. [ago.2019]. Entrevistador: Beatriz Santos de Souza. 2019 arquivo .mp3 (36:52 seg).

A estrutura da fábrica, não demolida, permaneceu sem uso durante muito tempo, em estado de marginalização. Até que em 2015, com a iniciativa e parceria da Prefeitura Municipal de Fortaleza, o grupo Marquise e a família Philomeno Gomes transformaram o que antes era um local de produção têxtil em um ambiente de consumo confeccionista, o que hoje conhecemos como Centro Fashion.

A fábrica de Tecidos São José por 50 anos serviu de fonte de renda para vários operários. A finalização de suas atividades entristeceu os que trabalhavam e trabalharam nela, como a própria Dona Regina. Ela que sempre foi grata a Pedro Philomeno quando em entrevista afirmou que “foi a melhor fábrica que eu trabalhei na minha vida, foi na Pedro Philomeno. ” (informação verbal)¹⁰

¹⁰ Entrevista concedida por Regina. Entrevista I. [ago.2019]. Entrevistador: Beatriz Santos de Souza. 2019 arquivo .mp3 (36:52 seg).

4 DE FÁBRICA À EMPREENHIMENTO DE COMÉRCIO POPULAR DE CONFECCÃO: A FEIRA DA JOSÉ AVELINO COMO PONTO DE PARTIDA

O comércio em Fortaleza é um setor que vem se apresentando como ponto forte da capital pois segundo o IPECE (2016), de um total de 195.069 estabelecimentos, 190.740 são de comércio varejista e 3.863 de comércio atacadista e entre esses valores cerca de 45.762 estabelecimentos correspondem à comercialização de tecidos e vestuário (IPECE, 2016).

De fato, a construção do Centro Fashion tem ligação direta com a Feira da José Avelino. Sendo assim, nosso ponto de partida dar-se-á partir da feira.

Segundo Santos, et.al (2017), no início dos anos 90, a Feira da José Avelino surgiu a partir de um grupo pequeno composto por bordadeiras oriundas de Itapajé, cidade situada no interior do estado do Ceará. Inicialmente, eram comercializados “[...] produtos para cama, mesa e banho, bordados à mão ou à máquina, provenientes do interior do Ceará. ” (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2016:5) Localizada, inicialmente, na Praça da Sé, as mercadorias vendidas eram expostas no chão, tornando o ambiente conhecido como “shopchão”.

De acordo com Freitas (2017), por volta dos anos 2000 a feira foi ganhando prestígio, não apenas no Ceará como em demais estados nordestinos. O espaço que ocupava tornou-se pequeno, o que acarretou o surgimento de galpões que atualmente estão no perímetro em que está a Catedral Metropolitana de Fortaleza. Foi então que em

2008, iniciou-se a mudança para a Rua José Avelino e seu entrono. Com isso, os feirantes ficaram acomodados em galpões, que proporcionavam melhor infraestrutura e acesso a lanchonetes e banheiros. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2017:5)

Com o intuito de controlar a feira, a prefeitura municipal definiu os locais liberados para a comercialização sendo eles: Rua José Avelino, Travessa Icó, Feirão do Viaduto e Rua Governador Sampaio. A partir de publicação feita pelo Diário do Nordeste em 2014, além dos pontos de comércio, a prefeitura estipulou horários para a ocorrência da feira sendo quarta-feira as 19h até as 7h de quinta-feira e sábado as 19h até as 11h de domingo. Devido a esses horários, a ela ficou conhecida como a Feira da Madrugada.

Apesar da liberação dos pontos e um horário liberado para a comercialização, a Feira da José Avelino apresenta riscos e precariedades. Segundo Freitas (2017), tanto os feirantes como as costureiras não possuem Direitos Trabalhistas fundamentais como previdência social e outros seguros sociais, também ocorre à exposição aos fenômenos

naturais, como as chuvas de início de ano por exemplo, uma mão de obra que trabalha de maneira intensiva além da violência exercida pela prefeitura e órgãos responsáveis pela fiscalização do local sobre os feirantes.

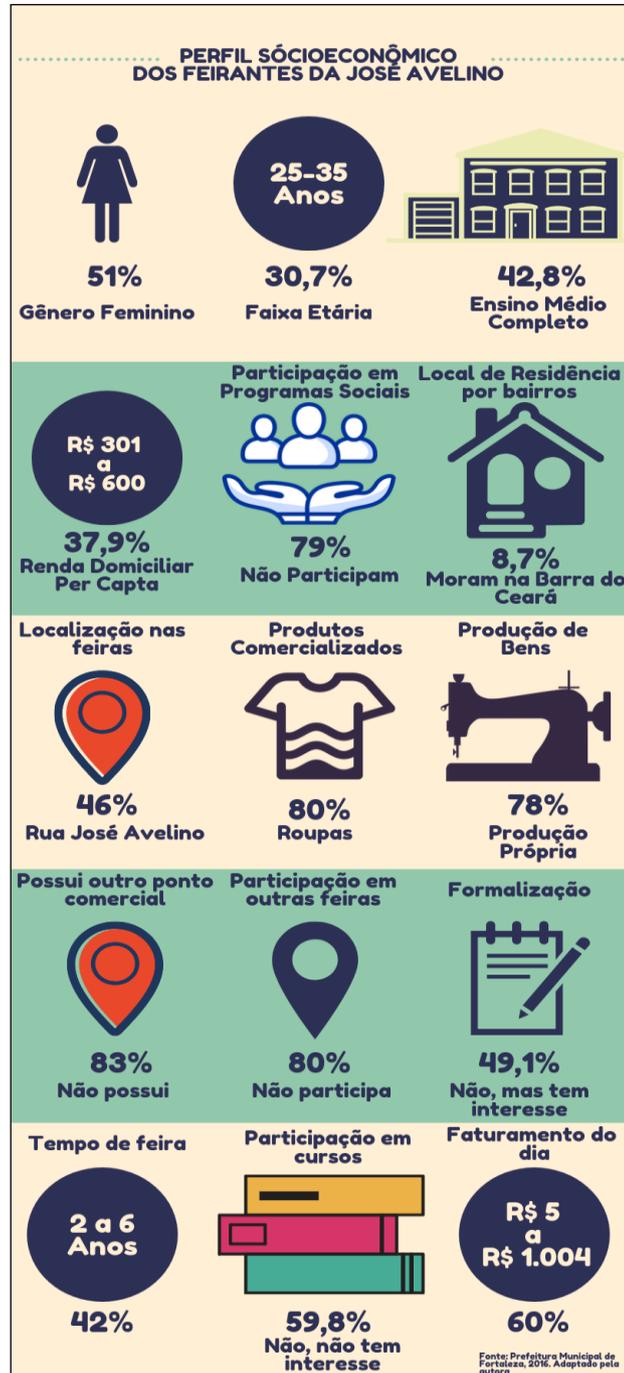
Com o intuito de obter melhores vendas e até mesmo um melhor espaço, os feirantes passaram a ocupar outros lugares no entorno da José Avelino, espaços esses que não eram liberados pela prefeitura municipal como, três faixas da Avenida Alberto Nepomuceno e as grades da Catedral Metropolitana de Fortaleza. Outro detalhe diz respeito aos feirantes dormirem na rua para garantir espaço, segundo notícia publicada pelo jornal Diário do Nordeste em 2014.

Em um relatório elaborado em 2016 pela Prefeitura Municipal de Fortaleza é possível identificar o perfil sócio econômico dos feirantes da José Avelino. No período de elaboração do documento, foram realizadas 1.109 entrevistas, de um total de cerca de 4.000 feirantes segundo a prefeitura municipal. A partir da leitura do relatório, pode-se definir um perfil de feirante como é exposto na figura 3.

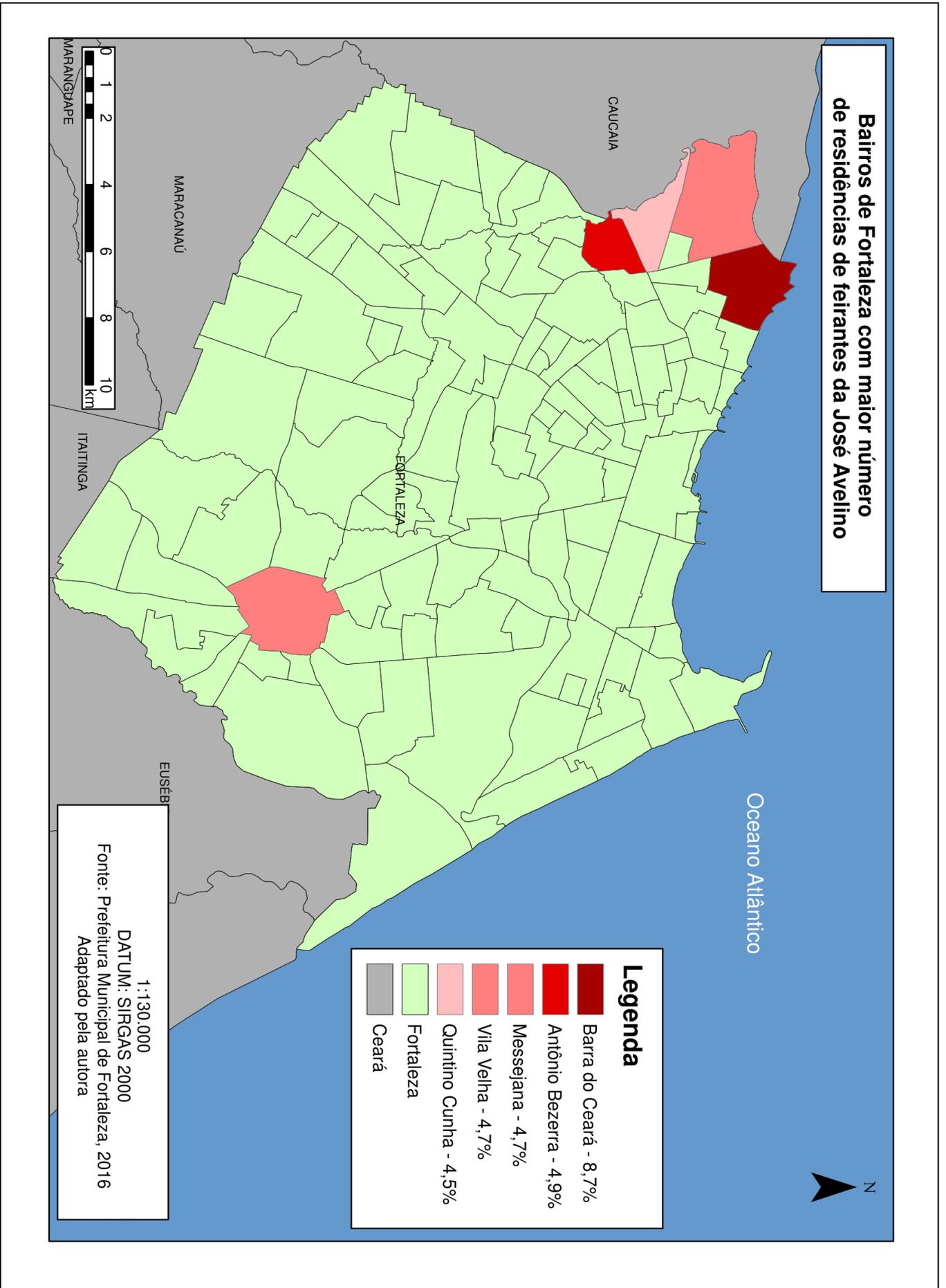
Na feira da José Avelino é possível identificar um predomínio de vendedores do gênero feminino, em relação a escolaridade grande parte concluiu o ensino médio, porém é possível encontrar feirante com ensino superior (3,1%). No que diz respeito a faixa etária, maior parte possui entre 25 a 35 anos, sendo um grupo jovem de feirantes. Partindo para a renda, a grande maioria possui renda domiciliar per capita entre R\$ 301 a R\$ 600 e uma elevada parcela, 79% dos feirantes, não possui benefícios sociais sendo os outros 21% inseridos em algum programa, sendo o Bolsa Família o mais citado.

Se tratando de residências, o mapa 1 apresenta os bairros que concentram maior número de casas de feirantes e a Barra do Ceará concentra o maior valor com 8,7%, em seguida temos o Antônio Bezerra com 4,9%, Messejana e Vila Velha ambos com 4,7% e o Quintino Cunha com 4,5%, tais bairros foram os mais representativos.

Figura 3 – Infográfico do perfil socioeconômico dos feirantes da José Avelino



Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2016 adaptado por Souza, 2019



Mapa 1 – Bairros com maior número de residência de feirante

Em relação ao empreendimento, dos locais onde a comercialização é liberada foi identificado uma concentração de feirantes na rua José Avelino com 46% seguida da Travessa Icó com 24%, Rua Governador Sampaio com 15%, Feirão do Viaduto com 12% e a Travessa Baturité apresentou apenas 3%. Dos feirantes entrevistados 80% são donos e atuam na comercialização e 20% apenas atuam na comercialização de produtos. Entre diversos produtos vendidos, as roupas correspondem a 80% dos bens comercializados, em seguida temos as peças íntimas com 13%, moda praia 4%, moda academia 3% e bijuterias com 1%, sendo essa mais uma prova da força que a confecção tem em Fortaleza. Sobre a mercadoria, 78% dos feirantes produzem suas peças nas chamadas facções e apenas 15% apenas comercializam, os outros 7% produzem apenas uma parte da mercadoria. Cerca de 83% dos feirantes não possuem outro ponto comercial e 80% não participa de outras feiras, o que demonstra o peso da feira no sustento de todos, já os 20% participam de feiras em Cascavel, Ipu e São Benedito. Sobre o tempo de feira, quase metade dos feirantes (42%) informaram estar atuando na feira entre 2 a 6 anos. Apesar de grande parte ter finalizado o ensino médio, apenas 3% participaram de cursos de capacitação sendo o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) o mais citado e 58,8% nunca fizeram algum curso e não possuem interesse em fazer. Em se tratando de faturamento diário, 60% dos feirantes fatura entre R\$ 5 a R\$ 1.004 por feira.

Visando melhores condições de trabalho aos feirantes como também conter as irregularidades, nos anos de 2014 e 2015 a Prefeitura Municipal de Fortaleza, em uma Parceria Público Privada, determinou a construção de um galpão em uma área central para receber os feirantes da José Avelino. Tal galpão tratava-se do Centro Fashion, em um terreno de 30 mil metros quadrados situado na Avenida Philomeno Gomes, no bairro Jacarecanga.

O investimento inicial foi de R\$ 100 milhões das construtoras Marquise e Preferencial, sendo esta última possuindo como diretor Francisco Philomeno Gomes Neto. Inicialmente, segundo o jornal O Estado, em 2015, o empreendimento já possuía mais de 2.000 cadastros para obtenção de boxes, que valeriam a partir de R\$ 11 mil, com condições de pagamento facilitado.

Em matéria publicada em 2015, o Diário do Nordeste expôs que o esperado era de 7,5 mil empregos diretos ou indiretos. No projeto da construção, pretendia-se construir 6.500 boxes, 300 lojas, 130 vagas para ônibus, praça de alimentação com 86 lanchonetes e 2 restaurantes, hospedagem com 220 leitos e mais de 30 banheiros com chuveiro. A frente do projeto ficaram os empresários André Pontes e Francisco Philomeno Neto.

Enquanto o início das obras do Centro Fashion ia sendo encaminhando, o clima na Feira da José Avelino era de confrontos entre feirantes e órgãos fiscalizadores da feira como a Guarda Municipal. Os confrontos ocorriam devido à ação incisiva contra os feirantes com o intuito de prevenir irregularidades. Com o objetivo de não perder a mercadoria durante as vistorias de fiscalização, os feirantes aderiram um código de alerta que eles denominaram de “rapa” que quer dizer fiscalização. De acordo com informações do Diário do Nordeste em 2019, quando ocorrem as vistorias os feirantes gritam tal termo como forma de aviso aos demais para que guardem suas mercadorias e saiam rapidamente do local

A previsão inicial era de entregar o Centro Fashion em 2016, porém, devido a atrasos nas obras, que segundo o jornal O Povo (2016), estava 70% completa, a inauguração foi postergada para o ano seguinte. Em janeiro 2017, as chaves dos boxes foram entregues, como também o caderno técnico com informações aos permissionários. A inauguração do empreendimento já possuía data prevista, 26 de abril do mesmo ano.

Ainda em 2017, o prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio em reunião com representantes do comércio formal e informal, decidiu a data de remanejamento da Feira da José Avelino para 14 de maio de 2017. Tal mudança decorria da necessidade de revitalização da José Avelino, com restauração do calçamento, paisagismo, iluminação em led e faixa elevada para pedestres como também, para a mudança para o Centro Fashion. Para isso, o prefeito disponibilizou boxes públicos no Beco da Poeira e Mercado São Sebastião para os feirantes retirados da José Avelino.

No mesmo ano, foi publicada uma liminar que proibia a prefeitura de Fortaleza de encerrar a Feira da José Avelino. Segundo o Tribuna do Ceará (2017), de acordo com o Desembargador Durval Aires Filho, uma parcela considerável dos feirantes não possuía condições financeiras para um deslocamento imediato para a empreendimento privado. Para se defender, a prefeitura usou o argumento de que tudo foi definido em reunião com representantes e os próprios feirantes, como também a disponibilização de boxes públicos para quem não pode arcar com os gastos no Centro Fashion. Mesmo com os boxes públicos disponíveis e as vendas de boxes no Centro Fashion a Feira da José Avelino ainda ocorreu durante a revitalização.

Enquanto ocorriam as obras de revitalização da José Avelino, é inaugurado o Centro Fashion no dia 26 de abril de 2017. Inicialmente, contou com 4.500 boxes, 90 lojas e 36 megalojas em uma área de 70 mil m². O investimento total para a construção foi de R\$ 120 milhões. O empreendimento foi inaugurado tendo sido construídos além dos boxes e lojas, praça de alimentação, salão de beleza, lotérica, caixas eletrônicos, lojas de aviamentos e de

tecidos, escritório virtual, espaço para desfiles, entre outros. Com base em notícia divulgada pela Verdinha em 2017, em relação a hospedagem oferecida pelo empreendimento com o intuito de dar suporte aos compradores, principalmente do atacado, em sua parte oriundos de outros estados do país, foi inaugurado com existência de 340 leitos no intuito de receber compradores do interior e de outros estados, os sacoleiros.

No que diz respeito à taxa de adesão, em entrevista ao jornal O Povo em 2017, Philomeno Neto informou que varia entre R\$ 3 mil e R\$ 25,1 mil, além das taxas de manutenção semanal que ficam entre R\$ 50 a R\$ 170 dependendo da localização do boxe. Vale lembrar que, 90% dos permissionários presentes no Centro Fashion, vieram da Feira da José Avelino.

Com base nos dados disponibilizados pelo O Povo em 2017, foi possível ter uma estimativa de gastos que os feirantes possuem em diferentes locais de comercialização. A tabela 8 apresenta os gastos de um feirante quando opta por comercializar na José Avelino.

Tabela 8. Gastos para comercializar na Feira da José Avelino

Compra	Valor em R\$
Custo inicial da barraca	35 mil
Boxe	Até 15 mil
Espaço na rua (irregular)	Até 20 mil
Estrutura (ferro ou madeira)	Cerca de 390,00

Fonte: O POVO, 2017 adaptado por Souza (2019)

Como visto, um feirante além de investir na barraca ou boxe ainda precisa pagar pelo espaço na via. Ainda é necessário o investimento em alguma estrutura caso o feirante opte por usar barraca.

A tabela 9 expõe os gastos quando é optado por comercializar em um galpão.

Tabela 9. Gastos para comercializar em galpões

Compra	Valor em R\$
Custo inicial (boxe e estrutura incluso)	Entre 15 mil e 50 mil
Estacionamento	8,00
Ponto de luz (irregular)	5,00 cada

Carregador de Mercadoria	Entre 5,00 a 10,00
Montagem do Boxe (semanal)	30,00

Fonte: O POVO, 2017 adaptado por Souza (2019)

Diferente da José Avelino, nos galpões do Centro de Fortaleza disposto na José Avelino, os gastos aumentam. Apesar do boxe e toda a sua estrutura estarem inclusos, o feirante deverá arcar com estacionamento, pontos de luz que não são regulares e que segundo o jornal O Povo (2017), uma pessoa é responsável por recolher o dinheiro por cada ponto de luz, caso o feirante não pague o ponto é cortado imediatamente. Ainda se tratando dos gastos, o feirante ainda paga por um carregador de mercadoria e a montagem semanal do boxe.

A tabela 10 apresenta os gastos iniciais em diferentes pontos de comercialização e neste momento o Centro Fashion já entra como uma opção aos feirantes.

Tabela 10. Custos iniciais

Local	Valor em R\$
Rua	Entre 35 e 39 mil
Galpão	50 mil
Centro Fashion	Até 25,1 mil

Fonte: O POVO, 2017 adaptado por Souza (2019)

A partir da tabela é possível visualizar que, o Centro Fashion já iniciou seu funcionamento sendo o local mais barato para investimento de feirantes. Em seguida, a rua seria o melhor local e o galpão é o ponto mais caro para se investir. Vale ressaltar que, além desses custos iniciais, todos os pontos possuem outros gastos relacionados à manutenção. E a tabela 11 traz os gastos por feira equivalentes aos locais tratados na tabela anterior.

Tabela 11. Gastos por feira

Local	Valor em R\$
Rua	53,00
Galpão	88,00
Centro Fashion	50,50

Fonte: O POVO, 2017 adaptado por Souza (2019)

A partir da tabela é possível concluir que, mesmo com os gastos relacionados à manutenção, o Centro Fashion ainda permanece sendo o local mais barato para investimento e

permanência dos feirantes. Sendo assim, mesmo público-privado, o Centro Fashion é o ponto mais acessível aos feirantes.

Ainda se tratando da inauguração do empreendimento, o Jornal O Povo apurou com o Diretor André Pontes que houveram mais de 30 ônibus com clientes atacadistas, os sacoleiros, durante a inauguração. Os comerciantes eram do Rio Grande do Norte, Pará, Amazonas e Piauí. A TV Diário, em contato com a organização do local, apurou que foram mais de 10 mil visitantes no primeiro dia de funcionamento.

Com base no levantamento feito pelo jornal Diário do Nordeste, tem se que por dia de feira, o Centro Fashion recebe cerca de 4 mil pessoas e em dezembro esse número sobe para 50 mil. Em entrevista, Philomeno Neto afirma que de 50 ônibus que chegam em Fortaleza com sacoleiros, durante a baixa estação, mais da metade vão em direção ao Centro Fashion. Em relação à hospedagem, a diária custa R\$ 110,00 e o banheiro coletivo tem diária de R\$ 50,00.

Segundo dados do Diário do Nordeste em 2017, cerca de 10% dos permissionários que compram boxe acabam desistindo, a partir disso o empreendimento fechou parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE – CE para a capacitação dos permissionários.

Após 1 ano de funcionamento, segundo André Pontes em entrevista ao jornal Diário do Nordeste em 2017, o empreendimento possuía 3.500 pontos ativos, entre boxes, lojas e megalojas vendendo moda masculina, feminina, íntima, praia, fitness, infantil, calçados e acessórios, com cerca de 10 mil pessoas trabalhando. As feiras, os dias em que ocorrem o funcionamento dos boxes, com movimentação de 10 mil pessoas em baixa estação e 20 mil em alta estação (datas comemorativas, finais de ano) mostram o quão rápido vem sendo o crescimento do local. Os preços são o ponto forte, causando esse rápido crescimento, pois é possível encontrar vestidos por R\$ 25,00, camisas por R\$ 30,00 e calças jeans custando R\$ 35,00.

O jornal Tribuna do Ceará, em reportagem sobre os 2 anos de funcionamento do Centro Fashion, apresentou que houve um crescimento de 25% no público. Entre trabalhos diretos e indiretos o local emprega 14 mil pessoas. Esse crescimento do percentual de público apresentado pelo referido jornal, reforça a ideia de que o empreendimento vislumbra um crescimento.

Mesmo diante do desenvolvimento acelerado do Centro Fashion e seus valores baixos tanto para futuros permissionários como para clientes, a Feira da José Avelino ainda permanece ativa. A Agência de Fiscalização de Fortaleza – AGEFIS, atua de forma rotineira

para conter as irregularidades, entretanto, os feirantes reclamam constantemente afirmando que são vítimas de ações truculentas diante da remoção das mercadorias. O jornal Diário do Nordeste em 2019, divulgou que caso algum feirante seja pego sem licença prévia, a AGEFIS pode emitir uma multa equivalente a R\$ 83,35 estabelecida pelo Código de Obras e Posturas do Município – Lei nº 5.530/81.

Apesar das mudanças realizadas na estrutura da via, do desenvolvimento urbano de seu entorno e a construção de novos ambientes de comercialização, como o Centro Fashion que surgiu apresentando menores gastos, a feira da José Avelino ainda permanece ativa. Permanência essa que pode ter relação com a clientela fixa e a facilidade de locomoção pela proximidade com estações de ônibus. Mesmo com a permanência da José Avelino, o Centro Fashion não foi afetado em seus primeiros anos de funcionamento. Podemos atrelar isto ao fato de que parte dos permissionários atuantes no empreendimento também foram ou ainda são feirantes na José Avelino, fazendo com que as pessoas sejam clientes em ambos os locais.

4.1 A infraestrutura do Centro Fashion

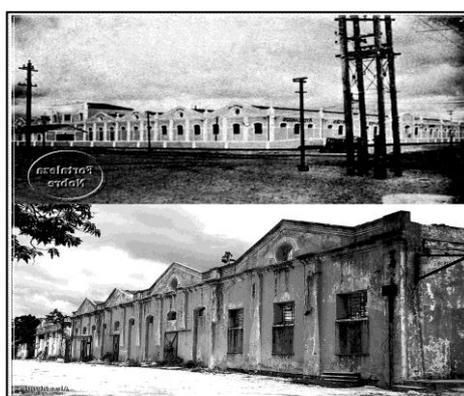
Inaugurado no dia 26 de abril de 2017 o Centro Fashion chegou com a proposta de movimentar o mercado têxtil cearense além de, proporcionar uma melhor estrutura aos feirantes da José Avelino. O empreendimento encontra-se no bairro Jacarecanga na Avenida Philomeno Gomes entre a Vila São José e o Cemitério São João Batista (mapa 2). A ideia inicial era a de manter o modelo da fachada da Fábrica São José, entretanto, a fachada foi alterada permanecendo apenas o formato retangular da fábrica (figuras 4 e 5).

Figura 4 – Fachada Centro Fashion



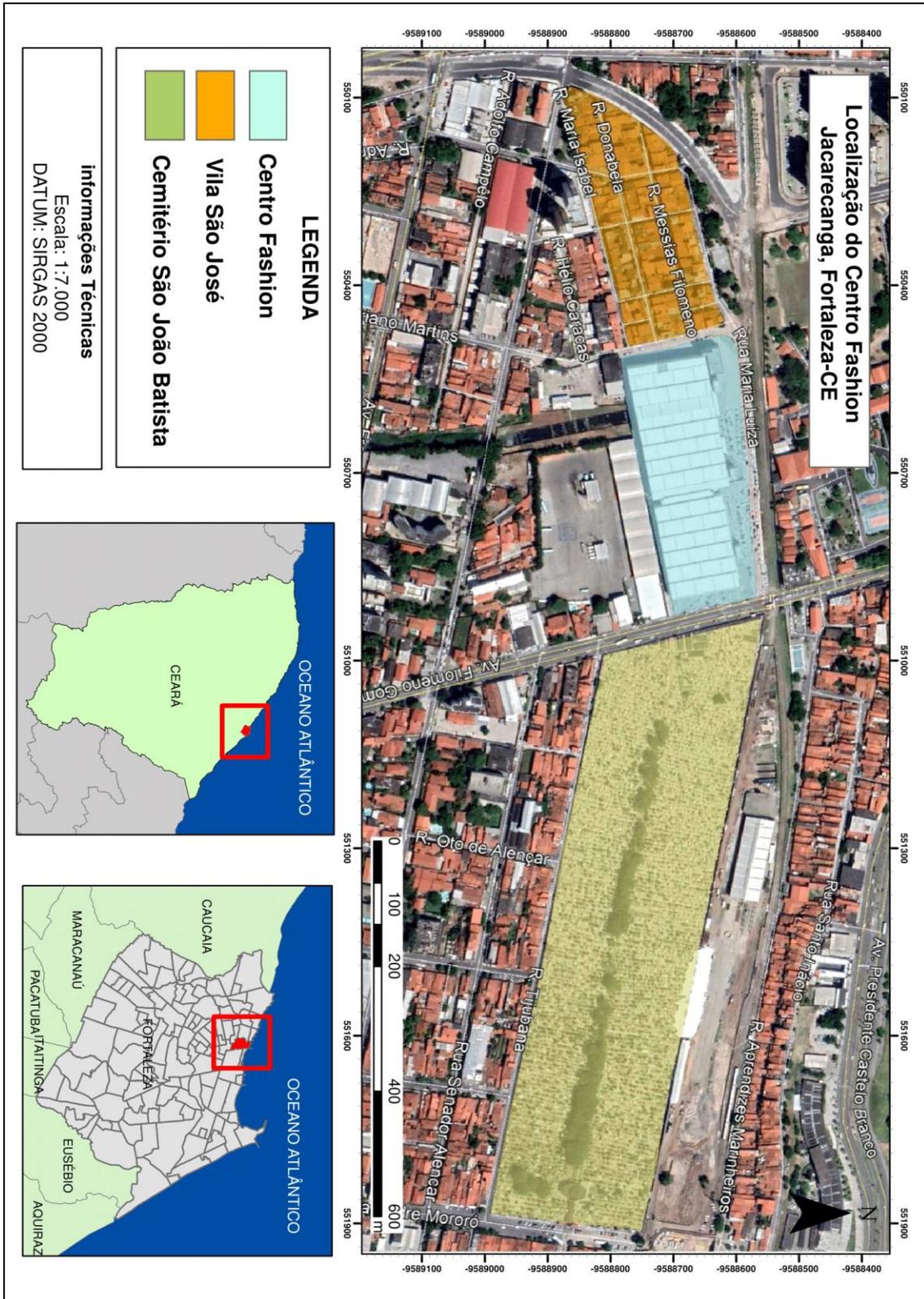
Fonte: acervo da autora

Figura 5 – Fachada Fábrica São José



Fonte: Fortaleza Nobre, 2019

Mapa 2 – Localização do Centro Fashion



Elaborado pela autora

Em visita de campo ao Centro Fashion realizada no dia 28 de agosto de 2019, foi possível visualizar algumas características no que diz respeito à sua organização estrutural. O empreendimento possui 4 andares e é dividido por cores, onde cada uma tem um predomínio de categoria (revendedores ou fabricantes), a figura 6 apresenta de maneira breve como se divide o Centro Fashion.

Figura 6 – Setores do Centro Fashion



Fonte: autora, 2019

Sobre as particularidades de cada setor iniciaremos com o verde o qual encontra-se na entrada do empreendimento. Tal setor é um dos mais movimentados pelo fato de estar na entrada, então, parte dos compradores acabam encontrando rapidamente o que desejam. Em relação aos preços, eles não são tão diferentes aos preços da Feira da José Avelino. Partindo para o setor amarelo, temos o predomínio de revendedores. A partir dos campos realizados no empreendimento é visível uma concentração de boxes de moda praia. Podemos chegar a uma hipótese de que, pelo setor ser de cor amarela, uma cor quente, chame mais atenção desse tipo de produto. No setor azul já podemos identificar boxes com fabricantes sendo assim, os preços já são mais reduzidos com produtos de cerca de R\$ 10,00. Os setores verde, amarelo e

azul sempre estão com constante movimentação de clientes, entretanto, quando chegamos ao setor roxo observamos um fluxo menor de pessoas e menos boxes ocupados. Tal setor também tem o predomínio de fabricantes e também pode ser considerado o setor mais barato do local, onde grande parte dos produtos vendidos variam entre R\$ 10 a R\$ 30. Pode-se dizer que o menor fluxo no setor roxo ocorre pelo fato de estar localizado no último andar do empreendimento, tendo em vista que até que se chegue nele os clientes já passaram pelos outros 3 setores. Entretanto, o que leva os clientes irem ao 4º andar é a praça de alimentação e eventos que estão localizados nesse andar, sendo assim, pode ocorrer do indivíduo a caminho da praça dar uma passada pelo setor roxo ocasionando um leve fluxo de pessoas. Já o setor branco concentra as megalojas, as *boutiques*, com preços mais diferenciados que os demais setores. É nítida a diferença de estrutura entre o setor branco e os demais, as figuras 7 e 8 expõem essa diferenciação entre os pontos de venda entre o setor branco e o roxo.

Figura 7 – Galeria Avenida Domingos Olímpio

Setor Branco



Fonte: acervo da autora

Figura 8 – Galeria Rua General Sampaio

Setor Roxo



Fonte: acervo da autora

Como visto nas figuras, a primeira apresenta uma galeria do setor branco o qual as lojas possuem uma melhor estrutura e fachadas semelhantes às encontradas em *shopping centers* enquanto a segunda apresenta uma galeria do setor roxo onde o box é de estrutura mais simples.

De fato, o investimento inicial é diferenciado em cada setor. Durante a pesquisa de campo tivemos a oportunidade de dialogar com um dos permissionários do setor azul que atua no Centro Fashion desde sua inauguração. No boxe ele comercializa vestidos com um viés indiano. Em uma rápida conversa, ele informou que comprou o boxe ainda na planta, detalhe que o ponto dele é de esquina, considerado o espaço mais caro do empreendimento, com um valor de R\$ 25 mil e atualmente, depois de 2 anos de funcionamento, o mesmo boxe já vale R\$ 40 mil. Também foi possível perceber a influência do turismo nos preços das peças, ainda durante o diálogo, o permissionário informou que também possui boxe no Mercado Central, no Centro de Fortaleza e a diferença de preços de suas peças grande, já que no Mercado é voltado a um público com maior poder aquisitivo. Enquanto no Centro Fashion sua peça mais cara custa R\$ 70, no Mercado Central essa mesma peça passa a custar R\$ 120, devido ao maior fluxo de turistas

Outro detalhe identificado no trabalho de campo diz respeito a como é feita a organização em cada setor. Para uma melhor orientação e localização dos boxes tanto para os clientes como para os permissionários, todos os setores são divididos em galerias identificadas por letras e em cada galeria é designado o nome de uma rua de Fortaleza sendo, grande parte nomes de ruas do Centro além disso, cada boxe possui uma numeração para melhor identificação e controle da própria administração (figura 9).

Figura 9 – Identificação da Galeria L Rua Dom Pedro I – Setor Verde



Fonte: acervo da autora

Ainda foi possível descobrir que semanalmente o empreendimento cobra uma tarifa de manutenção do boxe que varia de setor para setor. Em diálogo com uma permissionária do setor roxo, foi informado que tal tarifa é de R\$ 51, se o boxe for aberto

durante todos os dias de funcionamento do Centro Fashion, caso contrário, se o boxe fechar por duas ou três vezes na semana, esse valor sobe para R\$ 85. Um responsável da administração passa com a listagem de todos os boxes ativos e realiza a cobrança além de fazer nota caso o boxe esteja fechado.

Durante esses dois anos de funcionamento, o Centro Fashion passou por 4 mudanças de horário. Quando inaugurado, seu funcionamento dava-se com os mesmos horários da Feira da José Avelino (tabela 12).

Tabela 12 – Primeiro horário de funcionamento do Centro Fashion em 2017

Dia da semana	Horário
Quarta-feira	5h às 12h de Quinta-feira
Sábado	5h às 12h de Domingo

Fonte: O Povo (2017) adaptado por Souza (2019)

No final de 2017 com a expectativa de receber um maior fluxo de pessoas, foi acrescido um terceiro horário de funcionamento além de, alterações nos horários anteriores (tabela 13).

Tabela 13 – Segundo horário de funcionamento do Centro Fashion em 2017

Dia da semana	Horário
Quarta-feira	6h às 12h de Quinta-feira
Sexta-feira (nova feira)	A partir de 12h até o último cliente
Sábado	6h às 12h de Domingo

Fonte: Diário do Nordeste (2017) adaptado por Souza (2019)

Em 2018, o empreendimento teve novas alterações de horários e o surgimento dos feirões do atacado visando atender os clientes que buscavam comprar em grande quantidade. Nesses feirões, que ocorriam duas vezes por semana, o setor azul virava a noite funcionando, semelhante ao que ocorria na Feira da Madrugada na José Avelino. Além dos feirões, o local passou a funcionar aos domingos (tabela 14).

Tabela 14 – Terceiro horário de funcionamento do Centro Fashion em 2018

Dia da semana	Horário
----------------------	----------------

Quarta-feira	8h às 22h
Feirão do Atacado (setor azul)	Madrugada de Quarta para Quinta
Quinta-feira	5h às 14h
Sexta-feira	14h às 22h
Sábado	8h às 22h
Feirão do Atacado (setor azul)	Madrugada de Sábado para Domingo
Domingo	5h às 14h

Fonte: Diário do Nordeste (2018) adaptado por Souza (2019)

O Centro Fashion passou todo o ano de 2018 funcionando nos horários apresentados anteriormente. O último e atual horário definido surgiu logo após a realização do 2º Bazar Centro Fashion Fortaleza. A primeira edição ocorreu em agosto de 2018. Tal evento consistiu em descontos médios entre 40% e 60%, podendo chegar a 80%, segundo informações divulgadas pelo Diário do Nordeste em 2018. Já a segunda edição ocorreu em março de 2019 de quarta a domingo (tabela 15).

Tabela 15 – Horário de funcionamento do 2º Bazar Centro Fashion Fortaleza, 2019

Dia da semana	Horário
Quarta-feira à Sábado	7h às 20h
Domingo	7h às 14h

Fonte: O Povo (2019) adaptado por Souza (2019)

A logística dos descontos da 2ª edição foi igual à primeira. Após o evento o Centro Fashion apresentou seu novo horário de funcionamento e que perdura até então (tabela 16).

Tabela 16 – Horário atual de funcionamento do Centro Fashion – 2019

Dia da semana	Horário
Quarta-feira à Sábado	7h às 21h
Domingo	7h às 14h

Fonte: Centro Fashion Fortaleza (2019) adaptado por Souza (2019).

Comparando a tabela 15 com a 16 percebe-se a semelhança dos horários, por isso

deduzimos que o atual horário de funcionamento teve por influência o 2º Bazar Centro Fashion Fortaleza com a diferença de 1 hora a mais no horário definitivo de quarta à sábado.

O bazar já se tornou um evento fixo do local, tanto que a 3ª edição ocorreu ainda em 2019, de 4 a 8 de setembro. Em trabalho de campo realizado no dia 7 de setembro (sábado) foi possível identificar a movimentação intensa em determinados setores

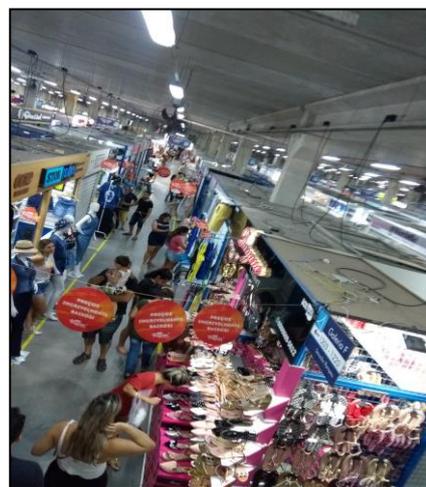
O setor verde possuiu a maior movimentação e consequentemente teve as maiores promoções, atraindo um número maior de compradores principalmente sacoleiros. Foi notável que o preço mínimo das mercadorias era de R\$ 5,00. O setor amarelo foi o segundo mais movimentado sendo a moda praia o segmento mais procurado pois, os boxes tinham uma elevada movimentação de clientes. Já os setores azul e roxo, se comparados ao verde e o amarelo, tiveram o menos fluxo de clientes e a menor quantidade de promoções. Entretanto, a surpresa foi o fato de o setor branco, apesar de ser formado pelas megalojas, apresentou diversas promoções com peças de R\$ 9,99 ou R\$ 20 concentrando um fluxo maior de compradores do varejo. As figuras 10 e 11 apresentam como foi o fluxo de clientes no dia 7.

Figura 10 – Fluxo de clientes no setor branco



Fonte: acervo da autora

Figura 11 – Fluxo de clientes no setor azul



Fonte: acervo da autora

Pelas figuras 10 e 11 é possível ver que o setor branco, considerado o mais caro dentro do Centro Fashion, apresentou durante o 3º bazar um maior fluxo de clientes se comparado ao setor azul. Entretanto, tal movimentação se deu devido ao maior número de promoções que o setor apresentou.

De maneira geral, os boxes que comercializavam peças íntimas, modinhas e calçados tinham um maior movimento e mais promoções. Alguns boxes não aderiram ao bazar mas funcionaram normalmente, mas, sem descontos.

Além dos boxes, o empreendimento apresenta todo um equipamento estrutural para receber permissionários e clientes tanto do varejo como do atacado (figura 12).

Figura 12 – Infraestrutura do Centro Fashion



Fonte: Centro Fashion Fortaleza, 2019, adaptado por Souza, 2019

Além dos equipamentos expostos pela figura 12, o Centro Fashion ainda conta com um fraldário, elevadores e rampas o que facilita no quesito acessibilidade. Cada andar possui sanitários e elevadores. O hotel fica aos fundos, na saída para a Vila São José, e ao lado situa-se a mini rodoviária que recebe as caravanas com os sacoleiros. Caso o cliente do atacado não vá pernoitar, mas, passe o dia inteiro no local, é possível optar pela diária nos banheiros coletivos que custa R\$ 50. De fato, o Centro Fashion está preparado para receber seus clientes sejam atacadistas ou varejistas.

Como dito na introdução deste trabalho, a partir dos campos seria feita uma caracterização do Centro Fashion com os critérios sugeridos por Gil (2008) e adaptado por nós, apresentando os *sujeitos, território e interações sócio espaciais*. O quadro 1, de maneira breve, expõe uma análise com base nos critérios ditos anteriormente.

Quadro 1 - Análise geral do Centro Fashion

Sujeitos	Território	Interações Sócio Espaciais
Compradores do Varejo e Atacado.	Estacionamento; praça de alimentação e eventos; caixas 24h fraldário; hotel; rodoviária; boxes e lojas.	Diálogo constante com os permissionários em busca de descontos; Clientes no varejo gastam mais tempo nas compras; Clientes no atacado levam menos tempo em busca de praticidade.
Permissionários e lojistas	Boxes; lojas estacionamento; praça de alimentação e eventos; caixas 24h banheiros; administração	Os permissionários dos setores se conhecem; conversam sobre às vendas.
Funcionários da administração; seguranças; lojistas dos demais segmentos.	Estacionamento; praça de alimentação e eventos; caixas 24 caixas 24h; fraldário; banheiros; administração.	Complementam o funcionamento do Centro Fashion

Fonte: Souza (2019)

De modo geral os sujeitos foram divididos em 3 grupos sendo o primeiro composto pelos compradores no atacado e varejo cujo território que se relacionam diz respeito à toda infraestrutura existente no Centro Fashion para uma melhor comodidade durante as compras. Em relação as interações sócio espaciais foi possível identificar uma maior pressa e praticidade no ato de comprar dos atacadistas, devido à quantidade elevada de mercadoria comprada, a hora da saída da caravana, tendo em vista que a permanência destes pode durar

cerca de 1 dia, e a necessidade de realizar o quanto antes as vendas em seus locais de origem, já os varejistas, levam um tempo maior e em maior parte dos casos, estão acompanhados por parentes ou amigos, o que prolonga o ato da compra. Outro fator marcante dos clientes é a negociação boca a boca no intuito de conseguir descontos em mercadorias.

O segundo grupo é formado pelos permissionários e lojistas que ocupam basicamente o mesmo território que os clientes sendo acrescido apenas, a administração que trata da parte burocrática da aquisição e manutenção dos boxes ou lojas. Sobre as interações sócio espaciais, foi possível notar que os permissionários se conhecem entre setores e dialogam bastante sobre as vendas além de fatos do cotidiano.

O último grupo corresponde aos demais funcionários que complementam o funcionamento do Centro Fashion como os seguranças, funcionários do administrativo que tratam das aquisições e manutenções dos boxes e lojas, promovem a divulgação do empreendimento, sistema de atendimento aos clientes e os demais lojistas de serviços encontrados como os salões de beleza.

A partir do que foi exposto anteriormente, podemos afirmar que o Centro Fashion possui uma boa infraestrutura para receber os clientes do varejo e principalmente do atacado. O jornal Tribuna do Ceará em 2019, apresentou que com 2 anos de funcionamento o empreendimento acolhe cerca de 5 mil permissionários e empregando cerca de 14 mil pessoas direta ou indiretamente. O Centro Fashion está indo em direção à um elevado desenvolvimento.

5 CONCLUSÃO

Diante do exposto podemos afirmar que o desenvolvimento da indústria têxtil no Ceará trouxe mudanças significativas no processo produtivo têxtil com o aperfeiçoamento estrutural e funcional das indústrias. Fazendo com que Fortaleza possua lugar de destaque no ramo de vestuário.

Além disso, conseguimos destacar que durante o período que compreende as fases da indústria têxtil tivemos o surgimento da Fábrica de Tecidos São José em 1926 no bairro Jacarecanga gerenciado por Pedro Philomeno, empresário que antes da fábrica de tecidos investiu em diferentes ramos como o imobiliário, óleos e sabão e fumo tornando-o um dos melhores empresários de sua geração além de sua cordialidade dentro da fábrica como foi constatado em entrevista com Dona Regina ex funcionária da fábrica, a São José foi responsável, na época, pela produção dos melhores tecidos em Fortaleza. Tal indústria, acarretou mudanças no espaço urbano, como a expansão da linha do bonde, com a construção da Vila Operária São José inaugurada em 1929 tornando o Jacarecanga um bairro industrial. Após o fim das atividades em 1983 no contexto da chamada de década perdida caracterizada pela crise econômica, a estrutura que abrigava a fábrica ficou abandonada até que em 2015 tem-se o início das obras do Centro Fashion Fortaleza.

Até que se inaugurasse o Centro Fashion outro ponto de comércio de confecção possuía grande destaque, a Feira da José Avelino a qual teve relação direta com a construção do empreendimento. Mesmo diante de conflitos contra a polícia durante o período determinado pela Prefeitura de Fortaleza para a retirada dos feirantes, a feira ainda permanece no centro de Fortaleza o que demonstra o quão sólido no espaço urbano e no comércio a feira da José Avelino se tornou.

Foi possível constatar a permanência da participação da família Philomeno na construção do Centro Fashion Fortaleza onde um dos principais investidores foi Francisco Philomeno Neto, dono da construtora Preferencial. O que deixa claro que apesar de não mais produzirem no ramo têxtil, atualmente, a família investe no ramo do comércio de confecção. Além desse ramo, a família ainda investe no setor imobiliário onde na atual Vila São José foram construídas duas torres residenciais. De fato, a família Philomeno Gomes ainda permanece com a pluralidade nos investimentos. Além da família Philomeno, a Prefeitura de Fortaleza e a Construtora Marquise investiram no empreendimento caracterizando-o como uma Parceria Público Privado.

Desde 2017, ano de sua inauguração, o Centro Fashion vem demonstrando um gradativo desenvolvimento no comércio de confecção em Fortaleza. O empreendimento mantém uma relação com as feiras do centro de Fortaleza tendo em vista que uma grande parcela dos permissionários atuantes no Centro Fashion, são oriundos da Feira da José Avelino. O local serve de suporte fixo para a renda.

Também foi possível constatar que os permissionários não comercializam apenas no Centro Fashion, alguns permanecem na José Avelino, outros comercializam no Mercado Central além de uma parte dos permissionários produzirem seu próprio produto, o que permite que vendam nas próprias residências.

Como vimos, o Centro Fashion atrai compradores de diferentes regiões do Brasil como o Sudeste, mais precisamente de São Paulo, além da região Norte e claro do próprio Nordeste. Isso prova o elevado raio de alcance do empreendimento no que diz respeito às compras no atacado tendo em vista que os compradores de outras regiões brasileiras, em sua maioria, são o que chamamos de sacoleiros, compradores de uma quantidade grande de mercadoria para a revenda. Podemos afirmar que o fato de o local possuir um hotel e uma mini rodoviária, proporciona uma melhor estrutura de permanência para quem se desloca de uma outra localidade para o Centro Fashion.

Vale ressaltar que a infraestrutura do empreendimento também é capaz de suprir as necessidades dos compradores do comércio popular a varejo, grande parte moradores de Fortaleza e da Região Metropolitana de Fortaleza, o que não exclui o fato de haverem compradores a atacado nessas localidades. De fato, o Centro Fashion apresenta uma infraestrutura interessante desde equipamentos de uso dos compradores como lojas, elevadores, rampas, quiosques, banheiros, entre outros, como também no que diz respeito a organização do local como a divisão dos setores por cores. O empreendimento foi pensado para melhor atender os clientes e os próprios permissionários.

Com apenas 2 anos de funcionamento, o grande fluxo de compradores no Centro Fashion e no hotel como visto em trabalho de campo independentemente do dia da semana oriundos de diferentes localidades, fortalece a ideia de que tal local vem apresentando uma evolução econômica e que tende a crescer nos próximos anos com fortes impactos sócio espaciais.

REFERÊNCIAS

- ALTERNATIVA AOS FEIRANTES DA JOSÉ AVELINO ESTÁ 90% PRONTA. **Grupo Marquise**. 2017. Disponível em: <<http://www.grupomarquise.com.br/noticia/alternativa-aos-feirantes-da-jose-avelino-esta-90-pronta>> Acesso em: 23 set. 2019.
- AMORA, Zenilde Baima. **Indústria e espaço no Ceará**. In: SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (Org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. 480 p.
- ANDRADE, Margarida Julia Farias de Salles. **Onde moram os operários: Vilas Operárias em Fortaleza 1920-1945**. Dissertação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador-Ba: 1991.
- ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. **O Fiar e o Tecer: 120 anos da indústria têxtil no Ceará / (coord.) [et. al.]**. Fortaleza: SINDITÊXTIL / FIEC, 2002.
- ARAÚJO, James Amorim. Sobre a cidade e o urbano em Henri Léfèbvre. **Geosp**: Espaço e Tempo, São Paulo, n. 31, p.133-142, s.d.
- BRAGA, Iara; ABREU, Maria José; OLIVEIRA, Madalena. **O mercado de moda popular brasileira: os centros de comercialização de vestuário popular na região Nordeste do Brasil**. In: Congresso Internacional de Negócios da Moda, 3, 2015, Porto. p. 1-22.
- BAZAR DO CENTRO FASHION COM DESCONTOS DE ATÉ 80% COMEÇA NA QUARTA (22). **Diário do Nordeste**. 2018. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/online/bazar-do-centro-fashion-com-descontos-de-ate-80-comeca-na-quarta-22-1.1987708>> Acesso em: 14 ago. 2019.
- CAMILO CEDE LORD HOTEL PARA TRANSFERÊNCIA DA CÂMARA MUNICIPAL PARA O CENTRO. **Opovo**. 2019. Disponível em: <<https://mais.opovo.com.br/colunistas/carlosmazza/2019/11/12/camilo-cede-lord-hotel-para-transferencia-da-camara-municipal-para-o-centro.html>> Acesso em: 14 nov. 2019.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria**. 7ª Ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- CENTRO FASHION TERÁ INVESTIMENTO DE R\$ 100 MILHÕES. **Diário do Nordeste**. 2015. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/centro-fashion-tera-investimento-de-r-100-milhoes-1.1354562>> Acesso em: 13 ago. 2019.
- CENTRO FASHION ESTÁ COM 70% DAS OBRAS CONCLUÍDAS. **Opovo**. 2016. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/economia/2016/07/06/noticiasjornaleconomia,3632409/centro-fashion-esta-com-70-das-obras-concluidas.shtml>> Acesso em: 13 ago. 2019.

CENTRO FASHION PROJETA GIRAR R\$ 2,5 BILHÕES POR ANO. **Diário do Nordeste**. 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/centro-fashion-projeta-girar-2-5-bilhoes-ao-ano-1.1743141>> Acesso em: 13 ago. 2019.

CENTRO FASHION INAUGURA DIA 26 DE ABRIL E ESTÁ 90% CONCLUÍDO. **Diário do Nordeste**. 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/centro-fashion-inaugura-dia-26-de-abril-e-esta-90-concluido-1.1681414>> Acesso em: 14 ago. 2019.

CENTRO FASHION: VEJA O FUNCIONAMENTO DO LOCAL QUE IRÁ RECEBER OS FEIRANTES DA JOSÉ AVELINO. **Tribuna Do Ceará**. 2017. Disponível em: <<https://tribunadoceara.com.br/videos/jornal-jangadeiro/centro-fashion-veja-o-funcionamento-do-local-que-ira-receber-os-feirantes-da-jose-avelino/>> Acesso em: 14 ago. 2019.

CENTRO FASHION É INAUGURADO COM 3 MIL BOXES FUNCIONANDO. **Opovo**. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/economia/2017/04/centro-fashion-e-inaugurado-com-3-mil-boxes-funcionando.html>> Acesso em: 14 ago. 2019.

CENTRO FASHION DEVE RECEBER 7 MIL PESSOAS POR SEMANA. **Opovo**. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/economia/2017/04/centro-fashion-deve-receber-7-mil-pessoas-por-semana.html>> Acesso em: 14 ago. 2019.

CENTRO FASHION DEVE MOVIMENTAR R\$ 30 MI NA PRIMEIRA SEMANA. **Opovo**. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/economia/2017/04/centro-fashion-deve-movimentar-r-30-mi-na-primeira-semana.html>> Acesso em: 14 ago. 2019.

CENTRO FASHION ESPERA DOBRAR FLUXO E RECEBER 240 MIL PESSOAS. **Diário do Nordeste**. 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/centro-fashion-espera-dobrar-fluxo-e-receber-240-mil-pessoas-1.1858840>> Acesso em: 14 ago. 2019.

CENTRO FASHION ATINGE 50 MIL PESSOAS POR FEIRA. **Diário do Nordeste**. 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/centro-fashion-atinge-50-mil-pessoas-por-feira-1.1868261>> Acesso em: 14 ago. 2019.

CENTRO FASHION FORTALEZA É DESTAQUE NO JORNAL NACIONAL. **Centro fashion fortaleza**. 2018. Disponível em: <<http://www.centrofashion.com.br/centro-fashion-fortaleza-e-destaque-no-jornal-nacional/>> Acesso em: 14 ago. 2019.

CENTRO FASHION COMPLETA 2 ANOS DE FUNCIONAMENTO; PÚBLICO CRESCEU 25%. **Tribuna Do Ceará**. 2019. Disponível em: <<https://tribunadoceara.com.br/noticias/cotidiano-2/centro-fashion-completa-2-anos-de-funcionamento-publico-cresceu-25/>> Acesso em: 16 ago. 2019.

CONFUSÃO EM FISCALIZAÇÃO DA FEIRA DA JOSÉ AVELINO. **Opovo**. 2015. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/fortaleza/2015/07/30/noticiafortaleza,3476729/confusao->

em-fiscalizacao-da-feira-da-jose-avelino.shtml> Acesso em: 23 set. 2019.

COSTA, Maria Clélia Lustosa da. **Fortaleza:** expansão urbana e organização do espaço. **In:** SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (Org.). **Ceará:** um novo olhar geográfico. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. 480 p.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Urbanização da sociedade fortalezense. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, Tomo CXXII, n.122, p. 183-204, 2008.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **A Cidade e o Comércio ambulante:** Estado e disciplinamento da ocupação do espaço público em Fortaleza (1975-1995). Fortaleza: EDUFC, 2012.

DESORDEM E TENSÃO PERSISTEM NA FEIRA DA RUA JOSÉ AVELINO. **Diário do Nordeste**. 2019. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/desordem-e-tensao-persistem-na-feira-da-rua-jose-avelino-1.2130691>> Acesso em: 23 set. 2019.

DIA DO COMERCIANTE MOTIVA AÇÕES EM FORTALEZA. **G1**. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/especial-publicitario/sistema-fecomercio/radar-do-comercio/noticia/2019/07/16/dia-do-comerciante-motiva-acoes-durante-a-semana.ghtml>> Acesso em: 16 ago. 2019.

EMPREENHIMENTO QUER ABRIGAR FEIRA DA SÉ EM NOVO ESPAÇO. **Verdinha**. 2015. Disponível em: <<http://www.verdinha.com.br/podcasts/empreendimento-quer-abrigar-feira-da-se-em-novo-espaco-ouca-entrevista/>> Acesso em: 13 ago. 2019.

FEIRA DA RUA JOSÉ AVELINO DEVE SER TRANSFERIDA ATÉ 2015. **Diário do Nordeste**. 2014. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/feira-da-rua-jose-avelino-deve-ser-transferida-ate-2015-1.1140810>>. Acesso em: 23 set. 2019.

FEIRA DA JOSÉ AVELINO OCORRE SEM TRANSTORNOS NESTA QUINTA, EM FORTALEZA. **G1**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/02/feira-da-jose-avelino-ocorre-sem-transtornos-nesta-quinta-em-fortaleza.html>>. Acesso em: 23 set. 2019.

FEIRA DA JOSÉ AVELINO REGISTRA MAIOR MOVIMENTO DE CONSUMIDORES. **Diário do Nordeste**. 2016. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/online/feira-da-jose-avelino-registra-movimento-maior-de-consumidores-1.1659029>> Acesso em: 23 set. 2019.

FEIRA DA JOSÉ AVELINO: O CENTRO NÃO DORME. **O Estado**. 2016. Disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/geral/feira-da-jose-avelino-o-centro-nao-dorme>> Acesso em: 23 set. 2019.

FEIRA DA JOSÉ AVELINO CONTINUA ACONTECENDO. **Opovo**. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/economia/2017/09/feira-da-jose-avelino-continua-acontecendo.html>> Acesso em: 23 set. 2019.

FEIRA DA JOSÉ AVELINO TERÁ NOVOS HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO. **Opovo**. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/11/feira-da-jose-avelino-tera-novos-horarios-de-funcionamento.html>> Acesso em: 23 set. 2019

FEIRA DA JOSÉ AVELINO SERÁ TRANSFERIDA EM MAIO, AFIRMA PREFEITO DE FORTALEZA. **G1**. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/02/feira-da-jose-avelino-sera-transferida-em-maio-afirma-prefeito-de-fortaleza.html>> Acesso em: 23 set. 2019.

FLUXO DEVE DOBRAR NO CENTRO FASHION; EXPANSÃO EM 2018. **Diário do Nordeste**. 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/fluxo-deve-dobrar-no-centro-fashion-expansao-em-2018-1.1799377>> Acesso em: 14 ago. 2019

FORTALEZA TERÁ CENTRO DE COMÉRCIO POPULAR. **O Estado**. 2015. Disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/economia/fortaleza-tera-centro-de-comercio-popular>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

FRANCO, Gerlaine Cristina Silva; MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. A indústria do bordado e a produção do espaço urbano em Maranguape - CE. **Geotemas**, Pau dos Ferros, v. 8, n. 3, p.121-139, dez. 2018.

FRANCO, Gerlaine Cristina Silva; MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira; PINHEIRO, Samuel Tavares; SILVA, Nara Gabrielle de Sousa. SEMINÁRIO REGIONAL COMÉRCIO, CONSUMO E CULTURA NAS CIDADES, 3., 2017, Sobral. **A confecção do bordado e sua participação nos circuitos da economia**: o distrito de Sapupara, em Maranguape - CE. Sobral: Srccc, 2017. 14 p.

FREITAS, Jonas Augusto da Silva. A Feira da Rua José Avelino e a Cidade de Fortaleza: discussão inicial. In: **VIII Jornada Internacional Políticas Públicas**, São Luís: 2017

GEORGE, Pierre. **Geografia Industrial do Mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S/D.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaço público, Espaços públicos. **GEOgraphia**, Niterói, v. 20, n. 44, p.115-119, set-dez. 2018.

GOVERNO: COBRANÇAS ANTES DOS 100 DIAS. **Opovo**. 2019. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/blogsecolunas/neilafontenele/2019/03/22/governo--cobrancas-antes-dos-100-dias.html>> Acesso em: 16 ago. 2019.

IMPRIMINDO IDEIAS. **Opovo**. 2019. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/blogsecolunas/layout/2019/03/21/imprimindo-ideias.html>> Acesso em: 16 ago. 2019.

INAUGURAÇÃO DO CENTRO FASHION FORTALEZA ACONTECE NESTA QUARTA-FEIRA (26). **Verdinha**. 2017. Disponível em:

<<http://www.verdinha.com.br/noticias/37595/inauguracao-do-centro-fashion-fortaleza-acontece-nesta-quarta-feira-26/>> Acesso em: 13 ago. 2019.

INAUGURAÇÃO DO CENTRO FASHION FORTALEZA TEM MAIS DE 10 MIL VISITANTES E SUPERA EXPECTATIVAS. **Tv Diário**. 2017. Disponível em: <<http://tvdiario.verdesmares.com.br/noticias/cidade/inauguracao-do-centro-fashion-fortaleza-tem-mais-de-10-mil-visitantes-e-supera-expectativas-1.1744829>> Acesso em: 14 ago. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ - IPECE. **Ceará em números**, 2017. Disponível em: < <https://www.ipece.ce.gov.br/ceara-em-numeros/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITÃO, Juarez. **SindRoupas: 70 anos de história**. Fortaleza: Premium, 2012. 264 p.

LEITÃO, Cláudia. **Jacarecanga**. Fortaleza: Secultfor, 2015.

LIMA, Luiz Cruz. **Redes de integração do território cearense: dos caminhos da pecuária às estradas virtuais**. In: SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (Org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. 480 p.

LIMA, Luiz Cruz. **Espaço da produção em movimento: zona industrial da Francisco Sá**. Fortaleza: Eduece, 2014. 159 p.

LIMINAR PROÍBE PREFEITURA DE FORTALEZA DE ENCERRAR FEIRA DA JOSÉ AVELINO. **Tribuna Do Ceará**. 2017. Disponível em: <<https://tribunadoceara.com.br/noticias/cotidiano-2/liminar-proibe-prefeitura-de-fortaleza-de-encerrar-feira-da-jose-avelino/>> Acesso em: 23 set. 2019.

MONSENHOR TABOSA E CENTRO FASHION ESTIMAM VENDAS ATÉ 30% MAIORES. **Diário do Nordeste**. 2018. Disponível em: <<https://diarionordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/online/monsenhortabosa-e-centro-fashion-estimam-vendas-ate-30-maiores-1.1952152>> Acesso em: 14 ago. 2019.

MOREIRA, Patrícia. **Centro Fashion atrai consumidores de todo o Brasil marcando consolidação no 1º aniversário**. 2018. Disponível em: <<https://noolhardigital.com.br/2018/04/27/centro-fashion-atrai-consumidores-de-todo-o-brasil-marcando-consolidacao-no-1o-aniversario/>> Acesso em: 16 ago. 2019.

MUNIZ, A. M. V. A dinâmica da indústria têxtil no espaço metropolitano de Fortaleza. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014.

MUNIZ, Alexandra Maria Vieira. **Produção do espaço metropolitano de fortaleza e a dinâmica industrial**. MERCATOR, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 61-74, set/dez. 2015.

MUNIZ, Alessandra Maria Vieira. O Ceará e a indústria têxtil no espaço-tempo. **Boletim Goiano**, Goiânia, v. 36, n. 3, p.420-443, dez. 2016.

NOBRE, Geraldo. **O Processo Histórico de Industrialização do Ceará**: um estudo de Geraldo Nobre. Fortaleza: Senai/dr-ce, 1989. 455 p.

NOBRE, Leila. **Lord Hotel – Edifício Philomeno Gomes**. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/06/lord-hotel-edificio-philomeno-gomes.html>> Acesso em: 02 nov. 2019.

PAVIMENTO REMOVIDO NA JOSÉ AVELINO É BEM TOMBADO. **Opovo**. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/05/pavimento-removido-na-jose-avelino-e-bem-tombado.html>> Acesso em: 23 set. 2019.

PREÇO E VARIEDADE PARA FISGAR OS CONSUMIDORES. **Diário do Nordeste**. 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/preco-e-variedade-para-fisgar-os-consumidores-1.1858879>> Acesso em: 14 ago. 2019.

PREFEITO ROBERTO CLÁUDIO E FEIRANTES DECIDEM QUE FEIRA DA JOSÉ AVELINO SERÁ REMANEJADA. **Prefeitura Municipal De Fortaleza**. 2017. Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeito-roberto-claudio-e-feirantes-decidem-que-feira-da-jose-avelino-sera-remanejada>> Acesso em: 23 set. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Decreto nº 13.035**, de 10 de dezembro de 2012. Dispõe sobre a proteção do Patrimônio Histórico-Cultural, através do tombamento da PAVIMENTAÇÃO DA RUA JOSÉ AVELINO, na forma que indica.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Perfil Socioeconômico dos Feirantes da José Avelino**. Fortaleza: 2016

PREFEITURA ENCERRA AS ATIVIDADES DA FEIRA DA JOSÉ AVELINO DEPOIS DO DIA DAS MÃES. **Blog do Rogério Gomes**. 2017. Disponível em: <<http://blogdorogeriogomes.com.br/2017/04/28/prefeitura-encerra-as-atividades-da-feira-da-jose-avelino-depois-do-dia-das-maes/>> Acesso em: 23 set. 2019.

PREFEITURA DE FORTALEZA INAUGURA NOVA JOSÉ AVELINO E URBANIZAÇÃO DA AVENIDA ALBERTO NEPOMUCENO. **Prefeitura Municipal De Fortaleza**. 2017. Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-inaugura-nova-jose-avelino-e-urbanizacao-da-avenida-alberto-nepomuceno>> Acesso em: 23 set. 2019.

REGINA. **Entrevista I**. [ago.2019]. Entrevistador: Beatriz Santos de Souza. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .mp3 (36:52 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

SANTOS, Marlon Cavalcante. Do global ao local: a dinâmica da indústria de confecção na Região Metropolitana de Fortaleza - Ceará. In: **Anais do XI - Encontro Nacional da ANPEGE**, Fortaleza: 2015

SANTOS, Marlon Cavalcante; SILVA, Eciane Soares; SILVA, José Borzzachiello da. Produção e circulação de confecções nos circuitos da economia urbana em Fortaleza – Ceará -

In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 14., 2015, **Perspectivas e abordagens da geografia urbana no século XXI**. Fortaleza: p. 1-16

SANTOS, Marlon Cavalcante; SILVA, José. Borzacchiello da. **A dinâmica dos circuitos da economia urbana na indústria de confecção em Fortaleza - Ceará**. GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais, v. 6, p. 222-236-236, 2015.

SANTOS, Kalina Ligia Braga dos *et.al.* Consumo e Moda na Feira Popular José Avelino, em Fortaleza-CE. In: **13º Colóquio de Moda**, Bauru: 2017

SERVIÇOS. **Centro fashion fortaleza**. 2019. Disponível em: <<http://www.centrofashion.com.br/servicos/>> Acesso em: 16 ago. 2019.

SILVA, José Borzacchiello da Silva. **A região metropolitana de Fortaleza**. In: SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (Org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. 480 p.

SILVA, Mayara de Oliveira. Economia informal: Deslocamento e narrativas, a partir de uma etnografia de “Agente de comercialização” – Sacoleiras do Centro Fashion em Fortaleza. In: **Reunião Brasileira de Antropologia**, Brasília: 2018

SILVA, Eciane Soares da. **Dinâmica sócioespacial do comércio popular de confecção no centro de Fortaleza**. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SOUSA, Evelize Teixeira de Oliveira. Feira da Rua José Avelino: Usos do Espaço Público e Questões sobre o Patrimônio Histórico - Fortaleza - CE. **Geografia**, Londrina, v. 25, n. 1, p.125-142, jan/jun. 2016.

SOUZA, Maria Salette de. **Ceará: bases de fixação do povoamento e o crescimento das cidades**. In: SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (Org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. 480 p.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 1989.

VEM PRO CENTRO FASHION. **Centro fashion fortaleza**. 2019. Disponível em: <<http://www.centrofashion.com.br/vem-pro-centro-fashion/>> Acesso em: 16 ago. 2019.

VIANA, Carlos Negreiros. A vida empresarial de Pedro Philomeno: um longo e fundamental capítulo da história industrial do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 122, n. 1, p.213-223, 2008.

VOCÊ JÁ CONHECE O CENTRO FASHION FORTALEZA? **Tribuna Do Ceará**. 2017. Disponível em: <<http://www.penteadeiraamarela.com.br/2017/07/25/voce-ja-conhece-o-centro-fashion-de-fortaleza/>> Acesso em: 14 ago. 2019.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Estrutura da Indústria
2. Rotina de trabalho
3. Sobre os funcionários
4. Períodos de contratações e demissões
5. Deslocamento para a indústria
6. Relações entre patrão e operário
7. Remuneração
8. Vila São José

APÊNDICE B – Entrevista Transcrita**ENTREVISTA COM EX FUNCIONÁRIA DA FÁBRICA DE TECIDOS SÃO JOSÉ****Tempo de Gravação: 36 minutos e 52 segundos****Realizada em 31 de Agosto de 2019**

72 anos

Trabalhou por 9 meses na fábrica entre os 15 e 16 anos

P: Pois é Dona Regina aí eu queria que a senhora contasse pra mim o que a senhora começou a falar, se a senhora pudesse repetir o que a senhora fazia na São José. Questão de que horas começava, que horas terminava seu turno. O que a senhora fazia é... a questão de como era a relação, se tinha alguma relação entre vocês, os trabalhadores, com os donos, por exemplo se vocês tinham algum momento que vocês tinham contato. Então mais ou menos o que a senhora viveu na São José.

R: Eles eram muito bom, quando eles... a gente tava lá trabalhando sempre eles vinham dava uma volta lá por dentro. A gente sabia quem era o Pedro e quem era o Chico. O Chico era o velho, Pedro era o filho. Aí a gente sabia por que eles vinham muito, não tinha negócio de se esconder pra não falar com ninguém, dava tchau, vinha perguntar se tava gostando do trabalho. Era assim, eles eram legais, aí quando era em tempo da hora nova a gente não entrava no horário de novo. A gente tinha que entrar 6 horas da manhã né, 6 horas eram 5 horas. A gente tinha que sair de casa 4 horas da manhã que era no horário velho, pra chegar lá era contramão, muito contramão! A gente tinha que vir... eu vinha do... do lado da legião, atravessava alí o trilho aí ia pelo trilho e atravessava umas casas que tinha... era uns beco que você tinha que passar por dentro. Aí pra chegar lá, tinha que entrar num muro que tinha do trilho, aí ficava as casas e mais na frente ficava a fábrica, aí a gente ia até chegar no portão. Aí eles não botavam o horário novo, quando começava o horário novo eles avisavam: Oh, todo mundo no horário normal! Entrando de 7 horas que era 6 horas da manhã né, e saindo o almoço de 1 hora que era as 12 né, que era nosso horário né, e de tarde saía 6 horas que era justamente 5 horas. Eles nunca deixaram a gente trabalhar no horário novo, por que eles diziam que era muito perigoso, que tinha gente que vinha de pés que era muita contramão e não dava pra vim de ônibus, não tinha quem ir deixar. Realmente eu não tinha! Eu ia sempre só! Por acaso as vezes eu me encontrava com as meninas no caminho e a gente ia. Era assim, eu gostava do Pedro Philomeno. Trabalhei lá 9 meses, os dinheiro era em dia de sexta-feira, quando dava 2 horas da tarde eles iam fazer o pagamento. Eles deixavam lá na máquina que a gente tava, eles iam fazer o pagamento. Só quando era final de ano, era que era nosso 13º mês que eles iam pagar aí que esperavam pra terminar os horários. Aí terminava mais cedo que era pra poder a gente ir receber o 13º mês e assinar tudo, era assim. Quando... quando era dia de sábado, que ia ter extra que ele dizia: Sábado vai todo mundo trabalhar. E a gente trabalhava mesmo em dia de sábado. Aí perto tinha a igreja da Nossa Senhora dos Navegantes, em frente o trilho a marinha, a gente ia por trás da igreja que tinha uma feira, aí na feira tinha muita coisa, aí na feira a gente comprava muita coisa pra levar lá pra dentro. Eu era nova nesse tempo, acho que eu tinha uns 15 pra 16 anos, eu levava pitomba lá pra dentro. Mas era bom, era bom mesmo. Mas todo canto que eu trabalhei, eu sempre procurei fazer o melhor pra não ser chamada atenção. Detesto chamada atenção! Aí quando a gente trabalhava, quando duas agulhas quebravam a gente trabalhava só com 7, aí com essas 7 agulha a gente tinha que fazer

nove bancadas que era pra dar produção certa. Mas era assim, eu sempre fazia mais produção, nunca fazia a produção exata!

P: E quando a senhora é.... foi pedir o emprego lá na Fábrica dos Philomenos que é que eles fizeram pra lhe admitir? Eles tinham algum processo de seleção...

R: Não... eles.... Eu fui lá né, levei minha carteira na época a carteira de... de... INSS tinha uma carteira. Aí cada vez que você pagava, eles iam arrancando um pedaço do papel né, aí depois foi que mudou, ficou descontando por conta da firma. Mas lá, eu fui e levei minha carteira, esperei o horário das pessoas entrar né aí fui pedir um emprego. Não me lembro como era o nome do homem... aí fui pedir e ele disse: Você trabalhou aonde? Eu disse que tinha trabalhado na Gasparian e tinha trabalhado na Santa Cecília. Aí ele foi e disse assim: Você fazia o que? Ai eu disse que trabalhava na fiação. Aí ele disse: Mas aqui você vai pros carretéis. Você sabe trabalhar nos carretéis? Ai eu disse: Bem eu já trabalhei na torcedeira, eu acho que é a mesma coisa. Aí ele: é realmente é. Pronto, aí eu me empreguei lá.

P: E quais foram os anos que a senhora... foi um ano?

R: Eu não passei um ano completo não, lá ninguém completava ano não. Era 7 meses, 8 meses, 9 meses. Ele renovava quadro todo tempo. Acho que eu tinha uns 15 pra 16 anos quando eu trabalhei lá, hoje eu tô com 72. Ah faz muitos anos! Nem sonhava de me casar nem nada. Era muito bom alí, eu gostei demais dalí. Era bom demais, a gente brincava, na hora do almoço a gente almoçava lá mesmo, um tio meu ia deixar o almoço a gente subia lá no portão, almoçava, às vezes ele ficava esperando pelas vasilhas, umas vezes ele deixava e 3 horas da tarde o menino vinha com... como é o nome... naquelas barraca com... pipoqueira! Ai ia bolo, tapioca, salgado e um café ou suco, quem gostava de café comprava café. Aí isso aí era por conta da pessoa. Eles davam a merenda de 9 horas, 9 horas a gente tinha direito ao café com pão, só isso, mas 3 horas da tarde quem quisesse merendar, era por conta da pessoa. O almoço também era por conta da pessoa. A gente não comia nada lá não. Aí dia de sábado como a gente trabalhava só até 3 horas, eu não queria almoço, eu comprava tapioca, às vezes eu comprava laranja, banana, ai as vezes... na máquina que eu trabalhava eram 3 pessoas, aí uma levava banana, outra o açúcar e outra levava o pão. Aí a outra fazia a bananada e a gente comia, era muito bom a bananada de leite assim... fazia com um pau, a gente nem tinha essa frescura de primeiro. Ia tomar um copo de bananada com pão, trabalhava até 3 horas, depois batia o cartão e ia embora.

P: Aí a senhora disse que tinha uma boa relação com os Philomeno. Aí quando tinha algum período festivo, eles faziam alguma coisa com vocês?

R: Eu não tenho muita lembrança... eu só sei mesmo do natal. Eu já passei o natal por lá, a gente recebia presente. Era pouca besteira mas, era gratificante né, que a gente tava trabalhando e ele reconhecia o trabalho da gente. E ele pagava bem direitinho. Não tinha negócio de dizer: ai não... uma vez eu faltei por motivo de doença, eu fui la me justifiquei, nem perdi dinheiro, me pagaram. Tudo era muito bom. Foi a melhor fábrica que eu trabalhei. Trabalhei na Gasparian, trabalhei 1 ano e dois meses, saí de lá por causa de greve. Teve greve né, aí a greve formava lá na Santa Cecília aí vinha né, para as outras empresas. E eu não fui com medo de a negada me rasgar lá no portão.

P: E como foi na Santa Cecília? Por que na minha pesquisa, eu estou falando de outras indústrias também e a senhora falou que trabalhou na Santa Cecília...

R: Trabalhei na Santa Cecília 8 meses de noite né, das 2 às 6 da manhã.

P: Era parecido com o que a senhora fez na São José?

R: Era quase a mesma coisa. Eu trabalhava na fiação né. Eu entrei na Gasparian com 14 anos, faltando dois meses pra fazer 15 anos aí lá eu comecei também na fiação como ajudante, era de menor né, aí lá os de menor eram ajudante. A gente ganhava meio salário, tinha carteira assinada e a gente entrava... tinha uma semana que a gente trabalhava de 6 da manhã às 10 e de 2 às 6 e na outra semana a gente entrava de 10 as 14 e de 6 às 10 da noite. Era assim. A gente, uma turma lá perto de casa, trabalhava perto da Gasparian. Aí a gente ia, era bom demais. Eu aprendi a trabalhar assim, porque toda vida eu tava trabalhando num canto eu sempre gostava de aprender. Eu aprendi lá, lá eu trabalhei na fiação, quando faltava gente nos carretéis iam me buscar pra colocar nos carretéis. Ai diziam: Hoje tu vai trabalhar aqui, mas tem cuidado que o dono de vez enquanto... o dono era meio nojento. Mas eu nunca tive medo dele não. Se eu tiver feito meu trabalho e tiver direito e se eu tiver encostada... mas nunca tive medo dele não. Uma vez ele me chamou atenção aí eu fui lá e disse: ô seu Roniele, era o nome dele, eu tinha tanta raiva dele por que ele era nojento. Ai eu fui lá em cima a ele: por que você tava encostada? Ai eu: se tivesse algum fio quebrado era só me dizer que eu ia emendar. Ai ele disse assim: mas por que... é pra ta rodando a máquina. Ai eu disse: Eu não, que eu não vou ficar tonta! Ai ele: você tava encostada por isso? Ai eu: ora, a moça num veio e eu já tava fazendo um favor de não deixar a máquina parada, então pronto! Aí chamou o seu Zezim e disse que eu era muito atrevida.

P: Então quando a senhora chegou na São José já sentiu a diferença né? Com os philomeno.

R: Já senti a diferença por que eles eram muito legal com as pessoas. Não tinha esse negócio de passar e não falar com ninguém. Num tinha esse negócio de, ai lá vem o Chico Philomeno e correr pra trabalhar, onde tava ficava! Nunca chamou ninguém a atenção lá dentro, era mais fácil ele chamar os encarregador e perguntar alguma coisa de que chamar a gente atenção.

P: Ai a tipo... os trabalhadores por exemplo... ele varia muito... gente mais velha, gente mais nova...

R: Tinha menino, tinha gente mais velho, tinha gente que tava prestes a se aposentar mais velho com 60 anos, com 50 anos... era assim. Ai quer dizer, já tava naquela época que a aposentadoria era mais difícil né, que tinha que fazer num sei quantos papéis pra poder se aposentar, aí era uma confusão danada. Ai eu achei muito bom trabalhar alí, foi a melhor fábrica que eu trabalhei na minha vida foi na Pedro Philomeno.

P: Eu via mesmo por que ele era bastante conhecido e além da fábrica ele tinha outras coisas também né, tinha a vila tinha hotel...

R: O Pedro Philomeno foi acidentado ai ele andava lá por dentro com a perna toda engessada, aí ele foi nisso num acidente de moto. Mas ele era bem visto por todo mundo, ele não tinha escolha de ninguém. Eles precisavam, era o dono da empresa que mais precisava dos empregado! Se a gente precisava dele, eles também precisavam da gente! Por que se não tiver gente pra trabalhar, não pode botar a empresa pra frente.

P: É verdade... aí a senhora sabe me dizer por exemplo, o que eles produziam lá na fábrica?

R: Lá eles produziam rede, produzia tecido e... só não me lembro se produzia jeans. Só sei que era assim, tinha a tecelagem né, tinha a fiação e os carretéis. A tecelagem era pra fazer tecido e tinha a fiação que era a de rede, que se chamava a rede do Chico Philomeno. Nunca comprei não. Negada dizia que a rede era boa, num sei o que... aí... mas era bom lá. Ai quem trabalhava na fiação, tinha as máquinas... agora as máquinas da fiação só não fiquei lá por que quando eu trabalhava na Santa Cecília, trabalhava nas mazola a diferença da mazola para as americanas é muita! Que a mazola é toda elétrica você é só puxar o fio botar por trás e ele emenda e às americana você tem que tirar e emendar pra poder colocar de novo no local. Ai

quando fui fazer o teste eu não passei não, na... na americana. Que eu trabalhava na mazola aí ele perguntava: tu trabalhava em que? e eu disse: na mazola. Aí ele: Ahhh tem uma diferença muito grande. Ai eu disse: pois é, na mazola é tudo automático e aqui é... é... como se dizia... americana, era diferente, era grande mas só que baixinha, as espulhinha deste tamainho e as outras não, era assim grande! E as máquinas enorme de grande. Eu trabalhava na Santa Cecília com uma máquina completa que era dos dois lados e uma banda de outra máquina era três lados que a gente trabalhava, as vezes a gente dava conta.

P: Era como se as máquinas da São José fossem mais antigas que as da Santa Cecília.

R: Era mas, todo mundo gostava de trabalhar lá! Já tinha gente antigo que tava esperando se aposentar, muita gente trabalhou ali que gostava muito ali.

P: A senhora lembra mais ou menos como era o turno da fábrica no tempo que a senhora trabalhava lá?

R: Era um turno só! A gente entrava de 6 da manhã e saía às 5 da tarde.

P: Ai tinha o almoço né...

R: Tinha o almoço, aí a merenda de 3 horas e 5 horas a gente saía. Aí não tinha turno da noite.

P: Certo... Aí a senhora poderia descrever como era ao redor da fábrica quando a senhora ia... a senhora ia pé né trabalhar?

R: Era.

P: A senhora consegue lembrar de como era...

R: Eu só sei que a frente da fábrica ficava em frente o cemitério nera, o Cemitério São João Batista. Eu nem passava naquele lado, eu nem sabia que ficava em frente o cemitério! Aí foi que um dia eu pra feira com as meninas e: que cemitério é esse? E elas: Num é o Cemitério São João Batista! Ai eu disse: Valha! Eu trabalho de frente o cemitério e não sabia! Aí a entrada era de frente o cemitério, aí tinha a frente né que onde terminava a fábrica, o resto era casa era apartamento, ia até lá fora e do outro lado, quando a gente vinha tinha um pouco de casa e depois pegava o muro da fábrica que a gente vinha entre o muro da fábrica e o muro do trilho. Era assim, por isso que não queriam que a gente viesse muito cedo que eles tinham medo, disse que tinha muito assaltante, acontecia muita coisa. Quando eu trabalhei na Santa Cecília, trabalhei na Gasparian, meu pai cansou de deixar a gente 4 horas da manhã. Quando a gente trabalha no turno da manhã que era de 6 às 10, pai ia deixar. Que a gente entrava de 5 da manhã que era 6 horas na hora nova né, o pai ia sair 4 da madrugada pra deixar a gente. Ele ia entregar o pão, que ele era padeiro, aí quando ele vinha ele: bora! A gente ia pela Pedro Pereira antes da Princesa Isabel, a gente ia até no muro da fábrica, aí pronto daí a gente ia sozinha.

P: É interessante por que essa preocupação dos donos das fábricas de tecidos, só veio muito depois né e os Philomeno já tinham isso bem antes...

R: Já... já tinham. Nunca trabalhei no horário novo la! Trabalhava o horário normal.

P: Não apareceu em nenhuma coisa que eu li sobre essa característica que ele tinha, por que foi mais ou menos na década de 90 que começou a mudar esse pensamento dos donos de fábrica na questão de pensar no bem estar do funcionário. E aí eu me deparo com a Dona Regina falando que o Philomeno já tinha isso!

R: A gente ia, era muito esquisito. Cedo né. Mas menina, uma vez o pai deu uma carreira lá no colégio da Legião lã no portão que quem passava ele tava balançando o... ai o pai deu uma carreira nele. As meninas contavam era muito história .

P: A senhora tinha amizade com pessoas de outros setores lá dentro?

R: Não, não. Eu só tinha amizade com o nosso setor mesmo. Só no setor que a gente trabalhava.

P: Ai tinha alguém que a senhora conhecia que chegou a morar na vila?

R: Não, tudo morava no morro Santa Terezinha que é aquele morro por perto que hoje tá diferente, outros moravam depois do Santa Terezinha. Não tinha amizade muito assim. Minhas amizades eram muito pouca.

P: A senhora já presenciou algum acidente de trabalho la dentro?

R: Não.

P: Que nesse tempo né, eu lendo as coisas era meio que corriqueiro né ter os acidente...

R: Lá na Santa Cecília sim! Eu tinha um colega meu lá, na verdade na Gasparian, que ele trabalhava na tecelagem e a engrenagem comeu a mão dele. E eu vi ele passar por mim correndo com a mão ensanguentada e eu: Valha o que é isso?! Foi aí que a menina avisou: foi a máquina comeu o meio da mão dele. Na Gasparian vivia acontecendo, as máquina da tecelagem sempre aquelas agulha da tecelagem que era pra fazer o pano pro tecido, na ponta da agulha era um pedaço de aço que fazia a ponta pra enfiar entre os fios. Quando ele pulava dentro da bobina, se a pessoa tivesse por perto ou não ela ia voar longe, ma se tivesse perto pegava na cabeça, na testa. Teve uma colega minha que pegou bem na testa dela, pegou bem uns 6 pontos. Passou 15 dias em casa. O seu Pedro pejejou pra eu trabalhar na tecelagem. Ele dizia: Vem pra cá tu vai ganhar dinheiro! E eu: Eu??? pra que, pra sair com a cabeça arrancada? Quero não! Eu tinha 15 anos quando trabalhei lá. Eu nunca quis trabalhar na tecelagem!

P: E quando a senhora saiu da fábrica (São José), a senhora sentiu falta?

R: Eu saí e botei foi a fábrica (Gasparian) na justiça, não quiseram me pagar. Eu recebi sabe com quantos anos? Acho que eu já tava com uns 22 quando eu recebi. No Pedro Philomeno quando eu saí, no dia que eu recebi o aviso, eu trabalhei o aviso, e recebi tudo bem direitinho, tudo organizado. E o Fundo de Garantia a gente não recebia em banco, a gente recebia era dentro da fábrica. Hoje em dia é que tudo é nos banco, antigamente era nas fábrica. Você recebia a semana e recebia o fundo de garantia tudo ali.

P: Então seu pagamento era por semana?

R: Era por semana. A gente recebia por semana, toda semana a gente recebia aquele total. Só não me lembro mais quanto era. Que era no tempo do cruzeiro.

P: Eu tava vendo que um dos grandes elogios quando a fábrica fechou em... 1983...

R: Eu fiquei com pena quando soube que tinha fechado. Ai seu Chico Philomeno morreu né, passou a fábrica para os filhos, dos filhos vai pros netos né e os netos é aquela irresponsabilidade né, não é como os antigos. É deles lá né ainda...

P: Por que né, o Philomeno construiu aquilo tudo então ele tinha todo aquele zelo, tudo aquilo que ele conquistou e tal na vida dele por que eu que ele começou desde cedo. Até ele chegar na São José, primeiro ele foi lá pro Rio de Janeiro ele trabalhou em uma camisaria de um

primo dele então ele começou a entrar no mundo da confecção quando ele foi pro Rio de Janeiro e quando ele voltou, ele começou aos poucos, ele tinha fazendas, plantação de caju e tal até que depois de um tempo ele abriu a São José. E eu lembro que ele foi um dos primeiros a ter energia própria dentro da fábrica, e ele produziu tanta energia que acabou vendendo pra cidade de Fortaleza.

R: Lá no Pedro Philomeno, teve um acidente que eu vi foi um menino que levou um choque. Ele foi ligar e quando foi parece que o dedo dele bateu na chave e jogou ele lá... quase joga em cima das máquinas. Também o único acidente que eu vi lá foi esse.

P: E eu vi que o pessoal elogiou muito que a fábrica fechou porém, o Philomeno não ficou devendo nada! Tanto que disseram depois que imposto de banco, tributo, pagamento de funcionário tudo ele deixou em dias e as pessoas falam muito sobre isso dele né, que apesar da fábrica ter fechado por que, não sei se a senhora soube, mas um dos motivos da fábrica não ter seguido foi por que ele não queria trocar o maquinário, porque chegou um tempo que as outras empresas estavam todas mudando maquinário e ele não quis.

R: Pois é, lá as máquina de fiação dele era tudo máquina americana, máquina baixinha mas grande, que tudo era manual bem dizer. Aí era assim, ligava ali na hora e pronto. Não era como as outras máquinas da Santa Cecília que eram altas, grandonas e que ajudavam você a trabalhar, tinha mais disposição pra você trabalhar, por que as máquinas ajudavam bastante. E a gente trabalhava nela, na hora que a gente ia trocar as espuleta os menino vinham trocar colocando dentro da máquina, cada um colocando até fora. Quando era pra trocar o menino vinha, fechava a máquina e desciam o ferro e trocavam os fios todos, colocavam as espuleta, eles enrolavam quando a máquina voltava a funcionar, eles só saíam da máquina quando todos os fios estavam emendados. As vezes tem sorte de não quebrar um fio, às vezes tem sorte de papocar tudo e ficar aquela poeira, aí tinha que emendar tudo e só saíam quando tava tudo emendado.

P: Por que eu tinha essa curiosidade de saber como é que era a fundo as máquinas da São José por que falam com detalhe sobre a máquina mas é interessante que eu ouvisse de alguém que teve contato com ela né. E aí eu vi que o Philomeno não quis abrir mão do maquinário, a SUDENE propôs vários projetos e ele também não mandou projeto por que ele não tava muito seguro né que chegou um tempo que na década de 80 mais ou menos que queria avançar na Indústria, antes mesmo do Pólo de Maracanaú, a SUDENE estava elaborando projetos né para investimento das indústrias locais e o seu Philomeno não quis por que ele ficou receoso com essas coisas e ele preferiu continuar na dele, só que chegou um tempo em que ele não conseguiu acompanhar a concorrência.

R: É por que ele tava com a produção baixa né, em vez de você tá trabalhando com um tipo de máquina que num ajuda a pessoa ir pra frente a produção vai e baixa. E aqueles que tem a máquina boa, máquina grande, uma máquina que dá mais volume, ela dá uma produção boa. Na Santa Cecília quando eu trabalhava lá, tinha um senhor que trabalhava vizinho a mim, aí ele tinha muita raiva de mim, ele vivia com a máquina quebrada, os fios quebrados, aí um dia eu peguei duas coisas cheia de algodão e coloquei lá em cima da cabeça da máquina dele e ele jogou no canto. O seu Chico Pinheiro que era o dono da Santa Cecília e era dono da Santa Cecília de Aracati e eu fui pedir a ele aumento, ele ficava com raiva lá, aí as pessoas: tu tem coragem né? Ai eu: vocês ficam, ah quando a gente ver o homi a gente vai lá e quando ele vem vocês não falam! Ficam tudo covarde! Aí eu ví ele e disse: O senhor é o Chico Pinheiro aí ele disse que era e eu pedi pra falar com ele. Ai eu disse que a gente queria aumento, por que a gente trabalhava todo dia poderia ganhar mais que os outros né, que a gente trabalhava de 10 da noite a 6 da manhã. E a noite ali era puxado! O sono do dia não cobre o sono da noite. Aí ele disse que ia dar o aumento. Aí tinha um carro, uma kombi, que ia buscar a gente

lá todo dia, às 10 horas ele tava lá e levava eu e outra senhora até a Pedro Pereira e íamos a pé o resto do caminho. Chegávamos em casa 11 horas da noite. Eu gostava demais de trabalhar. Só trabalhava em fábrica de tecido, Pedro Philomeno... a primeira fábrica que eu trabalhei em Fortaleza foi no Aldair Soares que era fábrica de comprimido lá em frente o edifício Fortaleza, perto do Coração de Jesus. Comecei peneirando pó pra fazer comprimido, depois quando seu Domingo faltava eu ia pra máquina pra fazer os comprimidos, sempre eu tava aprendendo. Eu gostava muito de aprender! Aí depois comecei a trabalhar dentro da firma, selecionando comprimido, aí quando era pra colocar comprimido nas caixas a gente ia, por que as pilula do mato eram uns vidros com meio pó de madeira. A gente trabalhava com carvão, batata de pulga, resina que vinha de navio, mas não sei de onde vinha, e o grude. Nosso trabalho era esse. Trabalhei 9 meses. Meu primeiro emprego foi lá e de lá que eu fui tirar minha carteira pra poder trabalhar na Gasparian.

P: Aí foi Gasparian, Santa Cecília e a São José? Aí depois da São José a senhora continuou no ramo têxtil?

R: Não. Aí não fui mais trabalhar. Fiquei em casa fazendo crochê. Eu não queria ficar parada. Aí do crochê, quando eu tava morando ali... no Parque São José... não... Vila Manuel Sátiro! Aí ali eu comecei a costurar e passei 28 anos costurando. Me aposentei costurando.

P: Mas querendo ou não a senhora ainda continuou no ramo têxtil!

R: Trabalhei, fiz tanto calção de jogador! Na máquina comum! Eu fazia 40 calções! E depois eu comprei o motor e botei na máquina. Pois é, eu passei muito tempo costurando... aí com o tempo eu mudei pra roupa de criança, mas eu não gostava muito de fazer roupa pra criança. Nunca gostei! Aí eu pedi pra Mazé arrumar um canto pra mim com a Dona Valda. Aí a Mazé conseguiu. Quando eu fui trabalhar pra Dona Valda, as primeiras peças foram 4 cortes de 4 vestido de... crepe. Era bem grande, aí ela me deu o modelo e eu fiz, colocava renda. Aí fiz os 4 vestidos e passei no teste. Aí fiquei costurando em casa. Em casa eu fazia bermuda, fazia blusa, fazia tudo. Aí depois comecei a costurar na casa dela.

P: Tipo uma pequena facção?

R: Era uma facção no quintal, sem carteira assinada. Aí comecei a trabalhar lá. Fiz muita camisa, muita blusa. Era muito bom trabalhar na Dona Valda... Eu ia almoçar em casa por que era bem perto e eu tinha os meninos, tinha que ver se eles estavam bem. Aí eu ia almoçar em casa e a merenda era 15h tudo por conta da empresa aí 17h eu saía. As vezes eu levava coisa pra costurar em casa. E aí quando ela se mudou pro Bonsucesso, ela perguntou quem queria ir e eu disse que ia. Lá no Bonsucesso ela começou a dar uma gratificação e assinou a carteira. Trabalhei lá 20 anos, por que 6 anos eu trabalhei no Parque São José. Aí, eu trabalhei lá até fazer os 60 anos.

P: E a senhora se aposentou trabalhando lá?

R: Foi. Aí quando eu fiz 60 anos eu dei entrada nos papéis. Aí recebi o aviso na Dona Valda.

BP: Adorei as informações que eu consegui com a senhora! Vai me ajudar demais Dona Regina!